

ARYON RODRIGUES (1925-2025) E EU

Para o Prof. Aryon Rodrigues,
por ocasião do seu primeiro centenário

Cristina Altman

Advertência

Permita o leitor a ousadia do título que coloca uma então aprendiz de historiografa ao lado do grande mestre, pesquisador e autor do programático “*Tarefas da Linguística no Brasil*” (Rodrigues, 1966); organizador do primeiro departamento de Linguística do país (1963), do primeiro curso intensivo de Linguística (verão de 1964) e do primeiro programa autônomo de Pós-graduação em Linguística (mestrado), na Universidade de Brasília (1963). Acrescente-se, ainda, que foi mentor do Programa de Pós-graduação em Linguística do Museu Nacional no Rio de Janeiro (1967-1968), *gatekeeper* da Fundação Ford, primeiro Presidente da ABRALIN (1969-1971), prestigiado acadêmico da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade de Brasília; formador de mais de uma geração de linguistas; participante ativo de todos os debates que movimentaram as associações científicas do país ao longo dos seus primeiros anos de implantação e posterior desenvolvimento.

Nascido em 1925, Aryon Rodrigues obteve sua formação escolar em Curitiba, no Ginásio Paranaense, cujo professor de português, o filólogo baiano José de Sá Nunes (1893-1954), autor do manual de *Língua Vernácula* (Nunes, 1936-1937) fora, para Aryon, um exemplo de erudição. Com a saída de Sá Nunes em 1939, outro professor o substituiria na cátedra de português, [Rosário Farani] Mansur Guérios (1907-1987), promotor do interesse de Aryon pelas línguas indígenas e seu professor nas quatro séries do ginásio.

O nível do ginásio naquela época era outro. Não havia faculdades, todos os intelectuais de humanidades eram professores concursados do Ginásio Paranaense-Externato, ou de outros do sistema estadual. (Aryon Rodrigues, em depoimento pessoal de 1992)

Não retomo aqui a ida de Aryon Rodrigues para o curso científico no Colégio Novo Ateneu, os primeiros artigos publicados, o Doutorado na Alemanha. Remeto o leitor ao *Boletim V do Centro de Estudos e Documentação em Historiografia Linguística* (CEDOCH) que publicou, em 1ª pessoa do singular,¹ parte da formação intelectual de Aryon e

1 O Projeto então denominado “A Linguística no Brasil: estórias e histórias em primeira pessoa do singular” (Altman, C. coord. 1995-2000, CEDOCH DL-USP) tinha como objetivo principal

da sua contribuição para a implantação da disciplina Linguística no país. (Cf. Altman ed. 2000; v. também Grannier 2014; Rodrigues 2009).

Neste sentido, embora inédito, o material aqui transcrito é hoje parcialmente conhecido, já que muita coisa se publicou desde então. Mas, até os anos 1990, as informações que aqui se reproduzem estavam dispersas em acervos individuais, em prefácios de periódicos, em cantos de página de documentos e em notas de rodapé de livros espalhados por todo o país. Com efeito, as informações que o ‘Projeto Primeira Pessoa’ coligiu na sua primeira etapa foram preciosas para que se elaborasse uma primeira historiografia analítica dessa geração (cf. Altman 1993; 1ª ed. 1998; 2ª ed., 2004).

O texto que se segue retoma duas entrevistas a mim concedidas por Aryon, em 1992. Da primeira,² realizada de improviso no mês de janeiro de 1992, nas dependências do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, restam apenas as anotações que embasaram o texto publicado no *Boletim V* do CEDOCH.³ A segunda,⁴ uma entrevista semiestruturada, bem mais longa, gravada, ocorreu em 3 de agosto de 1992, na residência de Aryon e Daniele Grannier, em Brasília. Foi desta segunda entrevista que se recuperou a maior parte dos diálogos que seguem. Aqueles que constam do *Boletim V* do CEDOCH não foram reproduzidos aqui.

Obedecendo às normas do gênero, assinalei entre chaves as interferências, lacunas e omissões da entrevista, bem como os pequenos esclarecimentos, informações e comentários à margem, desde que não interrompessem excessivamente o fluxo da escrita. Dado o tempo de armazenamento dos registros, das variações das condições de conservação, me vi compelida algumas vezes a preencher as lacunas de uma gravação feita há mais de 30 anos, e a interpretar anotações pessoais e erros de transcrição que

o mapeamento das primeiras gerações de linguistas que adentraram no cenário acadêmico brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, bem como da sua produção linguística, tal como se perceberam, ou como foram percebidos por seus contemporâneos. O projeto foi retomado, recentemente, sob o título “Em primeira pessoa do singular e outras crônicas,” (Altman, C. coord. 2020).

2 1ª entrevista: 26 pp. de caderno manuscritas pela entrevistadora, sem registro das perguntas que foram feitas. Há, no depoimento, referências ao trabalho e atuação profissional de pesquisadores brasileiros (entre outros, Mattoso Câmara, Mansur Guérios, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha) e, ainda, referências à formação acadêmica de Aryon Rodrigues. Trata, ainda, da resolução do Conselho Federal de Educação em 1962 e dos responsáveis pelo Currículo Mínimo de Letras; do 1º curso de verão e da ligação de Aryon com o *Summer Institute of Linguistics* (V. Altman ed. 2000).

3 In: <https://cedoch.fllch.usp.br/sites/cedoch.fllch.usp.br/files/upload/paginas/boletim5-009-028.pdf>

4 2ª entrevista: 70 pp. de caderno manuscritas, incluindo “Sumário de entrevista anterior”, anotado pela entrevistadora; material áudio, 4 fitas gravadas, além de fotos. Essa entrevista registra a formação da disciplina Linguística no Brasil; seu processo de institucionalização; as instituições de fomento à pesquisa (tais como a FAPESP e CNPq); as áreas de interesse específicas em cada instituição, região e período; da implementação da Linguística em 1963; do modelo de ensino da USP e da UDF; da formação da Universidade de Brasília e da Unicamp. O depoimento faz referências aos *Princípios de Linguística Geral* de Mattoso Câmara; à pós-graduação do Museu Nacional, da Unicamp e da USP.

cometemos na ocasião, as jovens pesquisadoras do CEDOCH) e eu.⁵

Além dos arranjos de ordem técnica, cometi, ainda, mais dois pecados em relação às boas fontes para uma historiografia: o primeiro, perdoável, foi adicionar subtítulos ao longo da edição da entrevista, de modo a orientar o leitor nas digressões da longa conversa. Pouco alterei, entretanto, da ordem de tratamento dos assuntos. A edição segue na escrita corrente o vai-e-vem da fala de Aryon, Danielle e eu. O segundo pecado, este sim, bem menos perdoável, é reivindicar nessa história o estatuto de aluna de Aryon Rodrigues, ouvinte atenta que fui dos seus ensinamentos, das suas críticas e das suas contribuições às três teses sobre a Linguística Brasileira que defendi na Universidade de São Paulo, nas décadas de 1990 e 2000. Cultivo pelo velho professor muita gratidão e afeto.

Ainda título de advertência, talvez seja oportuno lembrar ao leitor que depoimentos, entrevistas, testemunhos de um agente histórico não são historiografias, mas sim, fontes possíveis para uma historiografia. Resultam de uma visão pessoal do entrevistado sobre fatos reconstruídos a partir de memórias inevitavelmente parciais. São únicos e pessoais, embora não obrigatoriamente falsos. Neste sentido, considere o leitor o texto que se segue como o depoimento de um linguista que foi, a um tempo, observador e agente de uma história que cabe a nós reconstituir e preservar. Os eventuais erros, como de praxe, são de minha responsabilidade.

São Paulo, 26 de março de 2025
Cristina Altman

5 Notadamente Ângela França, Luciana Gimenes e Olga Coelho.

Devidamente instalados na ampla sala do apartamento de Aryon e Daniele Rodrigues, na Universidade de Brasília, gravador ligado, caderno de notas na mão, retomamos a conversa iniciada alguns meses antes, em São Paulo.

[*Marcos da institucionalização da disciplina Linguística*]

Cristina Altman, doravante, [E]: Eu estava pedindo a ajuda do professor para uma periodização.

[Aryon]: Datas que poderiam ser consideradas significativas. Então, houve 1962, 1963, portanto. Tem as duas coisas: tem um certo Brasil que reforça aquilo que você vinha pensando quanto a 1962, que é a criação do primeiro departamento e da primeira pós-graduação [em Brasília], [que] produziu três mestres diretamente: foram a Eunice Pontes,⁶ a Marta Coelho⁷ — que hoje está na UFRJ, como professora — e a Gilda Azevedo⁸ —que hoje está nos Estados Unidos [e] parece que largou a linguística completamente. E, indiretamente, Paulino Vandresen,⁹ que começou em Brasília e depois acabou no Rio de Janeiro.

Você tem outra data, justamente, que é consequência, quando, em 1965, acabou Brasília e a gente se reorganizou no Rio de Janeiro, no Museu Nacional. Foi quando a gente criou o Programa [de Linguística] em 1967, mas ele começou a funcionar em março de 1968. Então, em março de 1968 recomeça a pós-graduação. E a gente deu continuidade. Esse programa se transferiu depois para a UNICAMP [em 1973], mas deixou a conti-

6 Eunice Souza Lima Pontes (n. 1938)
7 Marta M. O. Coelho [?]
8 Gilda C. de Azevedo [?]
9 Paulino Vandresen [?]

ENTREVISTA ARYON RODRIGUES

Cristina Altman

nuidade no Rio de Janeiro também, porque lá [ele] se reorganizou, e hoje tem um programa forte no Rio de Janeiro. Então, 1968 é uma outra data quanto à pós-graduação.

Em 1969... não, antes de chegar em 1969, em 1963 ainda, foi o ano em que se criou o PILEI — Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas — que foi também importante para o Brasil, porque ele é interamericano. Eu participei logo, o Mattoso Câmara¹⁰ participou também logo. Eu participei das discussões iniciais. Mattoso Câmara, ainda não. Mattoso Câmara estava em Washington, como professor na Georgetown University nesse momento. Então fui eu o *delegado* brasileiro, por assim dizer, [inaudível] e foi uma reunião que tivemos em Lima, no começo de 1963, para pensar a ideia daquele Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas. Vieram colegas de vários países, do Uruguai, da Argentina, do Chile, do Peru, naturalmente, do Equador, da Colômbia, dos Estados Unidos e México. E resolvemos que valia a pena, e a gente tinha uma promessa de apoio institucional, a coisa com os Estados Unidos, com a Fundação Ford. Então, fizemos um simpósio, que foi o I *Simpósio do PILEI*, em Cartagena, na Colômbia, ainda em 1963, no fim de 1963. Aí fundou-se formalmente o Programa, e esse Programa consistiu em fomentar a Linguísti-

10 Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970)

ca e a formação de professores de Linguística e Línguas nas Américas; evidentemente, mais na América Latina, porque os Estados Unidos é que não estavam precisando de fomento. Pelo contrário, estavam com condições de apoiar, na ocasião. E, então, fundou-se o Programa e, na reunião de fundação, eu fiquei de fazer contatos para envolver mais gente no Brasil. Então convidei o Matoso Câmara, que ainda estava em Washington, mas veio especialmente para a reunião de Cartagena, o Francisco Gomes de Matos¹¹...

Na ocasião, eu recebi um dinheiro da Ford para fazer uma viagem pelo Brasil, para verificar o que havia de aproveitável no momento — o que podia servir de centro de desenvolvimento — e levantar a situação das investigações também, e então aí foi que eu descobri o Gomes de Matos, lá em Recife. E mais umas outras pessoas, lá em Recife também: a Adair Pimentel Palácio,¹² a Maria do Amparo Barbosa¹³ —que então estava em Recife também, que é uma maranhense, que estava em Recife — e vi que o Gomes de Matos era uma pessoa que, na parte de Linguística Aplicada e ensino de línguas, estava melhor [preparado]; estava com mestrado em Michigan e estava trabalhando firme, tinha idéias firmes, claras, não tinha ‘teia de aranha.’

[E]: As ‘teias de aranha’ seriam, digamos, aquele ‘filologismo,’ vamos chamar assim? Não a Filologia, mas um ‘filologismo’?

[Aryon]: É, o amadorismo também excessivo e a fantasia e tudo isso. Você entendeu que... não! Ele era um camarada que tinha os pés no chão e [era] muito compenetrado, sério, querendo fazer as coisas, e com conhecimento sólido, que tinha aprendido

no seu mestrado. Ele tinha mestrado apenas; mas, naquele tempo, ou era mestrado ou era nada quase.

Eu visitei Salvador e fui conhecer Nelson Rossi,¹⁴ lá na Bahia. Não, desculpe! Como é que foi? Nélon Rossi, como é que foi? Nélon Rossi... Nélon Rossi veio para Brasília também com a gente aqui depois. Mas, nessa visita ainda não foi não. Nesta visita ele não teria vindo para cá ainda. Então foi lá que eu o conheci. Isso mesmo. Eu conheci o seu laboratório de fonética, e o alcance, ou, no caso, o não-alcance, que tinha um laboratório de fonética.

É uma outra história. A gente pode conversar sobre isso: “*A história dos laboratórios de fonética no Brasil*.” A fonética tem um papel importante na história da Linguística no Brasil, no meu ponto de vista, na minha experiência, como um fator inibidor do desenvolvimento da Linguística no Brasil. Mas esse é um outro assunto. Eu fiz contatos no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador...

[E]: No Sul não tinha ninguém?

[Aryon]: Não, no Sul não tinha; naquele momento não tinha nada ainda. Tinha professores. Acho que o Bunse¹⁵ é o mais interessante deles. E lá eu conheci outros que estavam com ele. O assistente dele, que é o Klassmann,¹⁶ que colaborou nos projetos dialetológicos dele depois lá; o Koech, Walter Koech,¹⁷ que trabalhava com o alemão e estava interessado também em Dialectologia, Filologia Alemã, Dialectologia de origem alemã, qualquer coisa assim.

Então eu fiz um levantamento assim, e,

11 Francisco Gomes de Mattos (n. 1933)

12 Adair Pimentel Palácio (1931-2020)

13 Maria do Amparo Barbosa [de Azevedo] (?-?)

14 Nelson Rossi (1927-2014)

15 Heinrich [Adam Wilhelm] Bunse (1911-1990)

16 Mário [Silfredo] Klassmann [?]

17 Walter Koech [?]

ali em São Paulo, o que eu descobri foi no Yázig, que tinha um Centro de Linguística Aplicada e tinha como especialista no Centro, em Linguística Aplicada, um rapaz romeno naturalizado aqui no Brasil, o Garon — lembra-se do Garon?¹⁸ — que sabia bastante linguística, técnicas de ensino de línguas e tudo isso. Então o Yázig era a única escola de línguas — não havia nenhuma oficial, nem as oficiais tinham nada — que tinha um centro de controle de qualidade e de elaboração de materiais didáticos adequados para a situação em que estavam trabalhando. Então, no fim de contas, a minha escolha foi, além do Mattoso Câmara, para irem a Cartagena, o Gomes de Matos e o Garon — embora o Garon fosse de uma escola particular. Mas estava muito acima, na época, de qualquer universidade quanto a isso.

E dessa participação deles lá em Cartagena, na fundação do PILEI e tudo, resultaram várias coisas depois, que se desdobraram — inclusive a fundação da revista *Estudos Linguísticos*,¹⁹ que durou muito pouco.

[E]: [inaudível] eu não sei onde tem.

[Aryon]: Eu tenho aqui.

[E]: O senhor tem?

[Aryon]: Claro. Eu fui coeditor dela, então eu tenho.

[E]: O senhor foi coeditor? Foram o [Francisco Gomes] de Matos, o Mattoso e o senhor?

[Aryon]: É. O Mattoso Câmara era editor da parte de Linguística Teórica, o Gomes de Matos, da Linguística Aplicada e eu, das resenhas.

18 Ernest Garon [?]

19 *Estudos Linguísticos*. Departamento de Estudos e Pesquisas do Instituto de Idiomas Yázig (1961-1964), não corrente.

[E]: Por isso que a gente tem que ver o original, Daniele, as referências... Bom, pode ser engano meu. Mas, se o senhor tiver, eu gostaria que o senhor me emprestasse, eu me comprometo a devolver. Nem a PUC de São Paulo tem.

[Aryon]: Você pode xerocar aqui.

[E]: Eu quero sim. No Yázig não tem?

[Aryon]: No Yázig deve ter em algum canto lá. É que o Yázig foi mudando tanto. Mas deve ter na 9 de Julho, que é a sede do Yázig. Mas, se você quiser copiar aqui, porque a revista não cresceu muito; a revista durou três anos só também.

[E]: Então foi essa a história dos *Estudos Linguísticos*? E o Yázig, de uma certa maneira, patrocinou a veiculação?

[Aryon]: Não ‘de uma certa maneira,’ patrocinou firme, mesmo.

[Daniele]: E eles promoveram encontros.

[E]: Encontros?

[Aryon]: É os encontros. Eles faziam. Teve uma série de ‘Seminários de Orientação Linguística para Professores de Línguas,’ que durou bastante tempo. O primeiro foi em 1966, o primeiro seminário deles, no Rio de Janeiro. Foi aquele em que eu apresentei “*As tarefas da Linguística no Brasil*.”²⁰

[E]: Foi em 1966? Por isso que está publicado nos *Estudos*?

[Aryon]: 1966, ou 1965. 1965, o primeiro. Foi. Saiu publicado em 1966, mas o seminário foi em 1965 — julho de 1965 —isso mesmo. Nós estávamos aqui em Brasília ain-

20 “Aryon proferiu, em meados de 1965, a conferência “O linguista de campo: sua formação e tarefas”. A conferência foi gravada e transcrita por Geraldo Cintra e essa transcrição serviu de base para que Aryon redigisse o artigo *Tarefas da Linguística no Brasil*, publicado no ano seguinte no primeiro número de *Estudos Linguísticos*” (Grannier 2014, p. 7-8).

da. E a gente foi fazendo sucessivamente esses seminários, cada vez em um lugar diferente do Brasil: fizemos em Recife, fizemos em Porto Alegre, fizemos em várias partes do Brasil. E sempre bancados pelo Yázigi, inteiramente.

E eles prestigiaram muito Mattoso Câmara. Mattoso Câmara era quase que um conferencista oficial desses seminários. Nesse primeiro, o Mattoso estava fora do Brasil.

[Daniele]: Não, não estava.

[Aryon]: Não estava? Foi nesse também? No de 1965?

[Daniele]: Estava junto com [inaudível] Vidal,²¹ e ele fez uma brincadeira quando foi apresentada a mesa.

[Aryon]: Da brincadeira eu me lembro, do [...] Vidal eu não lembro. E foi o Geraldo Cintra²² que salvou “*As tarefas da Linguística no Brasil*”. Ele gravou e transcreveu.

[E]: Então, professor, nós estávamos em 1963, em Cartagena, e justamente o senhor chama Mattoso, de Matos e Garon, que eram desse grande centro promotor de Linguística no Brasil, o Centro de Linguística Aplicada?

[Aryon]: Não, o Garon era do Centro do Yázigi e o Gomes de Matos não era do Yázigi ainda não. Aí que começou a aproximação do Gomes de Matos com o Yázigi, porque eles não conheciam o Gomes de Matos, nem ele a eles. E, enfim, foi ele depois dirigir o Centro de Linguística Aplicada. Quando o Garon saiu, contrataram o Gomes de Matos e ele puxou outras pessoas de Recife para lá também, que foram a Maria do Amparo Barbosa, que é professora na USP atualmente ...

[E]: Por isso que o Geraldo Cintra falou: “*a Amparo sabe de coisas...*” Ela vem do Recife?

[Aryon]: Justamente, ela é maranhense, mas ela fez Letras no Recife e ficou lá, eu a encontrei como funcionária do Correio do Recife.

Então, 1963 é um ano importante. Veja só: em 1963 você tem a criação do Departamento de Linguística na UnB, você tem o início do ensino formal de Linguística nas Faculdades, nos cursos de Letras, e tem o primeiro Programa de pós-graduação também aqui na UnB. E tem também a criação do PILEI, que teve consequências no Brasil bastante fortes e em que nós atuamos em termos de América Latina. E, então, esse é também um marco interessante, 1963.

[E]: Justificado internamente, inclusive.

[Aryon]: Exato. Justamente. Depois tem 1968, como eu estava dizendo, em que a gente tem a criação do Programa de pós-graduação no Museu Nacional, uma vez extinto o de Brasília, que foi o programa que persistiu. Mas é justamente aí que nós temos, em 1968 mesmo, o III *Simpósio do PILEI* e o II *Instituto Linguístico Interamericano*, porque uma das coisas que o PILEI organizou foram os Institutos Linguísticos Interamericanos. Institutos no sentido em que os americanos do norte usam: *Linguistic Institut*, para uma série de cursos de Linguística, que são os Institutos de Linguística da Sociedade de Linguística da América, que todo ano existem, cada vez em uma universidade diferente. Então, pensou-se em fazer uma coisa semelhante.

[Daniele]: Foi em 1969?

[Aryon]: 1969, aqui no Brasil. O do México foi em 1967 e começo de 1968. E tinha havido um já do PILEI em 1965, de dezembro a fevereiro de 1966, em Montevidéu, em meio ao I *Instituto Latino-Americano de Linguística*, em Montevidéu — o primeiro que se chamou

21 Não consegui identificar.

22 Geraldo Cintra (1936-2021)

‘latino-americano,’ depois veio a chamar-se ‘interamericano’. Aí o Mattoso Câmara foi professor, eu fui professor também, e tivemos professores de vários países da América-Latina e do Norte e da Europa também.

[E]: Por isso que muitos [estudiosos brasileiros] que ficaram em Filologia Portuguesa, e mesmo os que ficaram em Dialetologia, se referem a contatos com o Rona,²³ e se dizem alunos de Mattoso. Foi nesse [Instituto]?

[Aryon]: Foi o Rona que organizou lá o Comitê Local. O Comitê Local era do Rona, em Montevideu. E ele tinha bolsas de estudo. Tínhamos bolsas da Ford Foundation para dar e levar alunos de toda a América Latina para lá.

[E]: Então, na década de 1960, quem foi aluno de Mattoso, foi aluno através desses cursos?

[Aryon]: Nesses cursos de verão. Nesses Programas de Verão. Programas Intensivos de Verão. E esses foram os melhores alunos que ficaram na Linguística, porque, dos do Curso de Letras Clássicas do Rio de Janeiro só ficaram a Yonne Leite,²⁴ a Miriam Lemle²⁵ e o..., de certa maneira, o Uchôa.²⁶ O Uchôa, lá do Rio de Janeiro, de Niterói, que ficou, e, no final das contas, o mérito principal dele foi ser o editor de várias coisas do Mattoso, depois que o Mattoso morreu. Ele editou aquele volume *Dispersos* (Uchôa 1972), reunindo vários artigos de Mattoso, e reeditou algumas outras coisas do Mattoso. Ah, não! Uchôa, Uchôa, lógico! Ele foi aluno do Mattoso no curso regular lá no Rio de Janeiro. Então, esses é que foram.

Teve um que foi aluno dele, também, e depois quis ser, *quis ser*, o discípulo do Mat-

toso e vivia trombeteando para todo mundo que era “o discípulo do Mattoso” e o Mattoso não o considerava assim. Embora o Mattoso, ... o Mattoso era extremamente gentil e sempre o recebia bem e tudo e tal — era o Leodegário de Azevedo,²⁷ que não emplacou pela mentalidade: a cabeça dele não é linguística de jeito nenhum. É filológica, naquele outro sentido, literária e tal, né?

[E]: O professor Naro,²⁸ naquela compilação do *Current Trends*, (Naro 1976) que ele reedita pela Francisco Alves, aponta a Yonne Leite como a única discípula de Mattoso.

[Aryon]: A visão dele naquilo lá é muito parcial. É muito parcial. A visão do Mattoso... E ela não é uma discípula de Mattoso no sentido ... Não estou dizendo que ela não é discípula de Mattoso, ponto. Não. Não é no sentido de que ela represente uma continuidade do pensamento ou das atitudes do Mattoso. Eu acho que ela acabou ficando muito presa, que ela é mais uma discípula, acabou sendo uma discípula do orientador dela no Texas, que a pôs na Filologia.²⁹ Então, o que ela foi, foi a assistente do Mattoso no Museu Nacional. Que o Mattoso, no Museu Nacional, não era empregado do Museu. Ele era um auxiliar voluntário, um colaborador voluntário do Museu; nunca recebeu nenhum tostão do Museu. E ela não, ela era funcionária do Museu.

Ela tem uma qualidade, um predicado que a gente pode atribuir a ela que [é] a pri-

23 José Pedro Rona (1923-1974)
24 Yonne de Freitas Leite (1935-2014)
25 Miriam Lemle (1937-2020)
26 Carlos Eduardo Falcão Uchôa (?)

27 Leodegário Amarante de Azevedo Filho. (1927-2011)
28 Anthony Julius Naro (1942-2024)
29 “Com bolsa da Fundação Ford, foi fazer, em 1970, seu doutorado na Universidade do Texas [orientada Robert Harms], onde se tornou colega de dois outros estudantes brasileiros e futuros linguistas, Mário Perini e Margarida Basílio.” (Franchetto & Vieira, 2013, p. 66)

meira linguista profissional no Brasil, quer dizer, que tinha um emprego como linguista. Se bem que o título não era linguista, o título era antropólogo. Antropólogo, e não antropóloga, que lá no Museu eles diziam, ela inclusive: Yonne Leite era *antropólogo* do Museu Nacional.

[E]: E por quê?

[Aryon]: Porque a Doutora Berta Lutz, de quem ela é admiradora e que foi uma das líderes, uma das primeiras líderes feministas brasileiras, e que era naturalista do Museu Nacional, filha do Adolfo Lutz — que tem o Instituto Adolfo Lutz, foi um grande biólogo do começo do século. E a Berta Lutz também foi uma grande bióloga, trabalhava no Museu, e ela defendia que as mulheres não deviam se feminilizar, não. Elas eram iguais aos homens e então deviam também ser *antropólogo*, *biólogo* etc. E ela corrigia sempre as moças que trabalhavam no Museu, quando punham no feminino os seus cargos.

[E]: Eu tento recuperar isso superficialmente, mas eu acho que isso seria um ensaio muito interessante: a gente ver a emergência da disciplina... sabe aquela história de que você falou da linguística, que um professor fala que o nome *Princípios de Linguística Geral* ajuda a sedimentar o nome 'linguística' no país. Essas metaforizações são um índice precioso para pegar esse momento em que a coisa começa a se implantar. Então, quer dizer que ela era *antropólogo* do Museu Nacional.

[Aryon]: Era. Ela se aposentou agora. Mas, lembra daquele artigo do Naro? A visão dele é muito parcial, de várias coisas. Ele não conhece como as coisas se desenvolveram no Brasil. E ele vê de um ângulo muito particular, do interesse dele. Embora o Naro

faça parte dessa história também.

O Naro a gente trouxe para o Programa do Museu Nacional, para o Programa de Pós-graduação. [Trouxe] dos Estados Unidos. Ele tinha estado antes como estagiário no Museu Nacional, com o Mattoso Câmara Jr., quando ele era estudante. E ele veio como estagiário; o Mattoso estimulou a vinda dele porque ele viu que existiam estudantes simplesmente lá de linguística que estavam interessados em português. E ele acabou vindo para cá. Só que aí o Mattoso acabou ficando inimigo dele.

[E]: Eles brigaram?

[Aryon]: É porque o Naro veio com uma petulância de estudante americano. E lá na sala de linguística do Museu, por um lado, aquela irreverência americana de chegar de sandália lá, tirar a sandália e pôr o pé em cima da mesa, na frente do Mattoso, e o Mattoso, que era extremamente formal, um homem de educação antiga que não tolerava isso. E o rapazinho — que era rapazinho na época — “*Ah, mas aqui não existe Linguística*, não é isso que a gente faz em *Linguística*”, menosprezando tudo. Veio para aprender, mas menosprezando tudo. Então, quando ele foi embora, o Mattoso nunca mais quis saber de contato com ele.

Por ironia do destino, quando a Universidade de Chicago convidou o Mattoso para publicar um livro sobre a língua portuguesa, numa série sobre várias línguas importantes do mundo (e as referências todas que eles receberam [eram] de que um bom autor para esse livro seria o Mattoso), o Mattoso fez o livro, mas escreveu em português e a editora mandou traduzir. E a editora achou o Naro para traduzir [risos]. O Naro fez a tradução

[Naro 1972a e b]. E fez uma ótima tradução! E não se limitou à tradução; ele elaborou uma introdução, aliás, um apêndice — situando as coisas — excelente, que, infelizmente na edição brasileira, que foi feita depois, cortaram, não saiu... estupidez, cortaram. Muito bom até para a história das coisas, muito ponderado e avaliando muito bem a obra do Mattoso. Aí sim era o Naro maduro já; já doutor em Linguística e tudo. Então o Naro se redime, portanto. Se redime em relação às coisas que ele fez com o Mattoso, que levaram o Mattoso a detestá-lo.

Mas o Mattoso, também, quando a editora disse que tinha atribuído a tradução ao Naro, não se impôs, não. Mattoso era muito correto e separava as coisas direitinho. Infelizmente, ele não chegou a ver o livro publicado. Ele morreu um pouquinho antes da publicação sair. Ele morreu em 1970, fevereiro de 1970. E o livro saiu, uma beleza de livro...

Aquilo foi uma espécie de coroação do trabalho do Mattoso, embora o pessoal daqui não saiba. Depois promoveram a publicação do manuscrito em português, mas sem pensar que deviam aproveitar para traduzir aquele apêndice do Naro. E quem lê, quase todo mundo, lê só a tradução e não fica tomando conhecimento daquilo, que é um levantamento bibliográfico, também muito bom, da obra do Mattoso.

O Naro, enquanto o Mattoso estava vivo, estava querendo vir. E eu estava segurando, não podia trazê-lo, porque o Mattoso não... Ou o Naro dava aula no Programa, ou o Mattoso. Não tinha jeito. Aí sim, o Mattoso, o sangue do Mattoso fervia. Eu sondei o Mattoso, quando o Naro estava querendo vir, mas ele não era a favor não. Agora, assim que ele morreu, eu

dei sinal verde para o Naro e ele veio. Veio de Angola, porque ele tinha ido com bolsa da FULBRIGHT³⁰ passar um ano em Angola, para estudar o Português de Angola e línguas africanas lá, porque ele estava interessado no problema dos crioulos portugueses. Ele tem inclusive a tese que escreveu para o concurso de professor titular na UFRJ sobre crioulo português, sobre a situação da discussão a respeito da natureza do crioulo português.

[E]: Nesta época se discutia, eu não sei por que ainda, não estabeleci a relação, mas essa questão da criouliização da língua era um problema já nos anos 1970, ou não? Se colocava como um problema a ser discutido pela Linguística Brasileira?

[Aryon]: Não pela Linguística Brasileira, mas por um ou outro investigador. Por aqui nós não tínhamos ninguém trabalhando com crioulos. Quer dizer, tivemos o Serafim da Silva Neto,³¹ que se interessou por línguas crioulas, mas sem nunca ter trabalhado diretamente. Teve em Portugal o Herculano de Carvalho,³² que se dedicou durante muito tempo a pensar sobre o problema dos crioulos portugueses — ele tem alguns trabalhos publicados a respeito. E os outros são de fora. São crioulistas de fora. O problema continua até hoje: houve crioulos no Brasil ou não houve? [inaudível] de uma língua crioula no Brasil, seja entre populações africanas e portuguesas, seja entre populações indígenas e portuguesas, ou não?

[Daniele]: Mas isso que você está falan-

30 *Bolsa da Fulbright Commission para pesquisa* (Luanda e Malanje). Atividades. 01/1971. Pesquisa e desenvolvimento, Instituto de Investigação Científica de Angola.

31 Serafim Pereira da Silva Neto (1917-1960)

32 Herculano de Carvalho (1924-2001)

do é sobre a situação no Brasil agora?

[E]: Não. É que justamente o meu orientador [Pierre Swiggers], quando eu começo a colocar os interesses, a levantar os problemas [linguísticos], porque já estão entrando no meu período [1960-1990], [ele] me pergunta qual a posição do linguista brasileiro em relação à criouliização aqui, por volta desta época. Eu conheci apenas alguns poucos artigos, aliás, o único que eu tinha lido a respeito era do Fernando Tarallo,³³ que defende — ele até fala “sobre a alegada origem da criouliização do português,” ele faz uma espécie de resposta à tese de uma americana que propunha que havia criouliização — que não havia. E eu não conseguia ver uma posição dos linguistas em relação à criouliização. Por isso eu perguntei. Então realmente não se colocou como um problema?

[Aryon]: Não, não se colocou até agora. Agora, talvez venha a se colocar aos poucos. O pessoal começa a falar novamente em criouliização, precipitadamente, parece, os que estão fazendo sociolinguística.

[E]: É. Exatamente: Herculano de Carvalho, Fernando Tarallo e orientandos deles...

[Aryon]: Pois é. Agora o tem o Hildo Couto,³⁴ que está aqui na UnB, (Honório Couto, né?) também agora está envolvido com a questão dos crioulos e há pouco ele trouxe aqui um americano que está interessado na questão, provavelmente [inaudível] veio como visitante estudar mais a situação no Brasil; e a Stela Maris Bortoni,³⁵ que anda falando agora de efeitos de criouliização aqui, tentando interpretar fatos de dialetos populares como remanescentes ou efeitos do

33 Fernando Tarallo (1951-1992)

34 Hildo Honório Couto (n. 1941)

35 Stela Maris Bortoni (n. 1945)

[crioulo].

[E]: O trabalho do Vogt,³⁶ do Cafundó, não tem nada a ver?

[Aryon]: Não, aquele ali não. Aquilo ali é...

[E]: É uma coisa pontual?

[Aryon]: É pontual. Quer dizer, é pontual, se bem que ela existe em vários pontos. Ela existe no Cafundó, existe em certa parte de Minas Gerais, existe em Goiás, existe em Mato Grosso, quer dizer, há vários grupos isolados de população de origem africana, de escravos libertos, que se conservaram bastante isolados e com características próprias, mantendo linguisticamente o vocabulário de empréstimo de alguma língua Bantu — Kimbundo, provavelmente, - ou Kikongo. Mas, no Cafundó, a situação é de expressão lexical: é língua portuguesa, inteiramente, a gramática toda é portuguesa, e, em certos termos, você tem sinônimos africanos; nem é o termo africano não, tem o português pleno e tem o sinônimo africano que o substituiu no que eles chamam lá ‘a língua secreta’ deles, a língua do Cafundó. Então, quando os pais não querem que as crianças entendam, eles usam. Então, em vez de dizer, por exemplo, “*ele foi na cidade*”, eles dizem “*ele quando na cidade*”.

[E]: Toda a estrutura é portuguesa ...

[Aryon]: É, mas pegam o item lexical “quando,” que entra no paradigma português: “quandá”, “quandô”, “quandei,” e assim com outros. E substantivos também; então, em vez de vaca, “gombe” e coisas assim. Mas é só nesse nível lexical.

[E]: não se coloca como problema, quer dizer, nada a ver com nacionalização e emprego de língua?

36 Carlos Vogt (n. 1943)

[Aryon]: E nem com crioulo também, porque no crioulo se esperaria o contrário, quer dizer, léxico português com uma gramatização influenciada pela língua africana. E aí é o contrário, você não tem gramática, que ela é portuguesa, e o léxico especial, que marca a língua do Cafundó, é africano. Justamente o contrário. E deve ser resultado de uma situação de bilinguismo, que deve ter havido com os africanos falando uma língua Bantu, mas, pouco a pouco, aprendendo o Português e, aprendendo o Português, houve a fase de bilinguismo, provavelmente, e agora da primeira língua, que passou a ser segunda, sobraram só certos termos, de um vocabulário de uso especializado entre eles lá. Como há na Bahia, que você tem o Português do Candomblé; fala-se Português plenamente — e não uma forma crioulizada de Português — mas, no ritual, tem-se os termos equivalentes em Iorubá. Então, cada um dos santos tem um nome cristão, um nome português, portanto, e um nome africano, e assim também o altar, que é o altar, mas também é o “pêji,” e assim por diante.

[E]: Então, professor, nós estávamos falando do Naro...

[Aryon]: É, o Naro. Então, uma vez falecido o Mattoso, ele veio; ele estava sempre se oferecendo, insistindo, então veio com o compromisso de ensinar Linguística Histórica, Linguística Histórica do Português, no Programa, e ele chegou justamente em 1972, no fim de 1972. E, agora, já em 1973, nós mudamos o Programa para Campinas.

[E]: Então, por quê?

[Aryon]: O porquê vem daqui a pouco. Espere um pouquinho, que é só para acabar com o Naro.

Então convidamos o Naro para ir conosco para Campinas, só que o Naro tinha chegado com os olhos [gordos?], pondo como condição morar na Avenida Atlântica, de frente para o mar; ele queria morar de frente para o mar — este foi o problema maior para a gente resolver para trazer o Naro — e, já instalado lá de frente para o mar, ele não quis mudar para Campinas. Eu até telefonei de Campinas e falei para ele brincando: “*Olha, mas aqui tem uma lagoa, Lagoa do Taquaral, que tem uma reprodução de uma das naus do Cabral,*” mas é claro que ele não foi nessa conversa não.

Ele foi, na realidade, uma das transições do Programa, que acabou no Museu Nacional, aliás, acabou na Faculdade de Letras, porque, na verdade, o Programa mudou para a Faculdade de Letras da UFRJ, por imposição da Universidade. Ele foi a transição...

[E]: Foi em 1973 mesmo?

[Aryon]: Não, mudou em 1971, fins de 1971. Passou para a Faculdade de Letras porque a Faculdade de Letras reivindicou junto à Reitoria da Universidade o Programa para ela, alegando que o Museu ensinava indevidamente linguística, que era prerrogativa da Faculdade ensinar linguística, e não do Museu. Mas nisso a gente pode entrar depois, se quiser... nesse detalhe.

Nós estávamos querendo é fazer os marcos, não é? Então, em 1968 começou esse Programa no Rio de Janeiro, 1968 foi também quando terminou o Instituto Linguístico lá no México — metade de fevereiro de 1968 acabou — que foi um programa intensivo de oito semanas, reunindo o pessoal da América Latina toda.

E o Programa do Museu Nacional foi um programa tripartite, o programa que

a gente abriu com a colaboração da Ford; foi formulado para abrir um curso de mestrado no Museu Nacional; por outro lado, promover a ida de doutorandos para o exterior — nós só podíamos administrar, não tínhamos capacidade docente para entrar logo com pós-graduação plena, então, promovíamos o doutorado no exterior; a Ford enviava o dinheiro, que a gente administrava, para mandar o pessoal para o exterior. Então, vários dos doutores que temos aí agora se beneficiaram deste Programa: Paulino Vandresen, Yonne Leite, Vicente de Andrade, Margarida Basílio, Maria Bernadete Marques Abaurre, Antonio Carlos Quícoli que, depois do Doutorado, (SUNY/ Buffalo, mas com orientador do então do MIT, David Pelmutter) ensinou no nosso programa na UFRJ e na UNICAMP. E a terceira parte do Programa era promover cursos intensivos de Linguística nas férias, itinerantemente, cada vez numa universidade diferente, ir distribuindo a Linguística pelo país, e treinamento, oportunidade de treinamento para quem não pudesse fazer o mestrado nem sair para o doutorado, mas já estivesse ensinando Linguística, ou ensinando línguas em universidades. Então, houve três partes: a parte do mestrado, o programa de doutorado no exterior e o programa que nós chamamos de Institutos, usando já o chavão, Institutos Brasileiros de Linguística.

O I Instituto Brasileiro de Linguística a gente fez em janeiro e fevereiro de 1968, em Porto Alegre, com a PUC e a UFRG. Esse foi o primeiro de uma série que se estendeu até o número seis depois. Seis sob esse patrocínio do Programa do Rio de Janeiro com o dinheiro da Fundação Ford. Isso tem a ver com

o problema da nossa ‘Revolução’ também, porque o interesse da Ford foi tentar salvar no país algumas áreas que ficaram fortemente prejudicadas com a ‘Revolução.’

[Daniele]: Eles diziam abertamente?

[Aryon]: Não abertamente, mas nas conversas com a gente. Então, um produto que aí está até hoje é o CEBRAP, lá em São Paulo, *Centro Brasileiro de Pesquisas em Ciências Sociais*, que a Ford financiou durante vários anos — que foi organizado pelo Fernando Henrique Cardoso,³⁷ que é senador agora e foi professor demitido da USP, pela ‘Revolução’ — e em que foram trabalhar não só Fernando Henrique, mas também vários outros demitidos da USP — como o Octávio Ianni³⁸ — e tornou-se um dos principais centros de pesquisas sociais no Brasil e conseguiu sobreviver, durante o Regime Militar, porque tinha o apoio da Ford — para os próprios cassados, né?

[E]: Mas não era uma ironia isso? Num dos depoimentos de pessoas com quem eu falei, me disseram que alguns pesquisadores da época recusavam o dinheiro da Ford justamente por ser dinheiro americano. Dentro do senso comum da época, de que os americanos teriam promovido a ‘Revolução de 1964,’ disse o depoente que eu entrevistei: “*Nós, os mais politizados, que sabíamos que os americanos promoviam a Revolução, nós recusávamos o dinheiro da Ford, por ser dinheiro americano.*” Essa oposição se dava ou não?

[Aryon]: Não, na minha experiência nunca se deu. Pelo seguinte: primeiramente, a gente conhece americanos e americanos. Os americanos que promoveram a Revolução,

37 Fernando Henrique Cardoso (n. 1931)

38 Octávio Ianni (1926-2004)

não... A gente deve olhar para os americanos e saber que lá existe gente de direita e gente de esquerda também, do mesmo jeito que aqui. As proporções nem são outras não, porque aqui todo mundo é de direita também. Agora, por exemplo, eu já tinha colaboração, desde os anos 1950, com o Morris Swadesh,³⁹ um grande linguista norte-americano; escrevemos artigos juntos inclusive.⁴⁰ E o Swadesh é um linguista que era professor na Columbia e, com a perseguição do Macartismo, que impôs a todos os intelectuais — mais aos intelectuais de cinema — assinar uma declaração de fidelidade ideológica; o Swadesh se negou a assinar e foi demitido da Columbia University, e ficou desempregado.

⁴¹ A nossa correspondência começou justamente quando ele estava morando no Colorado, em Denver, e estava desempregado. Ele conseguiu depois ir trabalhar no México, na UNAM [Universidad Nacional Autónoma de México], exilou-se. E continuamos as relações na década de 1960 toda, até sua morte. Então, não dá para a gente dizer que...

[E]: Claro, ... “*se é dinheiro americano, eu não aceito*”...

[Aryon]: Justamente. E que americano ideologicamente não presta. Não, tem americano de várias ideologias.

39 Morris Swadesh (1909-1967)

40 Wanda Hanke, Morris Swadesh e Aryon Rodrigues. Notas de Fonologia Mekens. In: *Miscelanea Paul Rivet, octogenário dicata*, vol 2: 187-217, 1958.

41 Provavelmente um lapso de memória neste trecho. Swadesh teria ficado desempregado por suas atividades políticas quando trabalhava no The City College of New York (1943-1949), antes de dar aula na Universidade de Colúmbia (1949-1953), portanto, que também se situa na cidade de Nova York, e na Universidade de Denver, Colorado (1953-1955). (Cf. Dell Hymes 1970)

[E]: Eu pergunto, professor, porque, ... [não sei] se é sustentável ou não do ponto de vista teórico-metodológico... há um momento, e esse momento me parece ser os anos 1970, em que de fato se coloca no Brasil explicitamente a oposição “*eu faço linguística americana*” versus “*eu faço linguística europeia*.” Quer dizer, há um segundo discurso que perpassa a nossa Linguística, já nos anos 1970.

[Daniele]: Mas, acho que na UNICAMP. Porque no Rio, por exemplo, eu não ouvia nunca se falar [assim]

[E]: Não se colocava? Na USP até hoje.

[Aryon]: Mas é que a USP não conhece a Linguística Americana e se recusa a conhecê-la.

[E]: Esse é o meu ‘depoimento’ de vinte anos de USP!

[Aryon]: Justamente. Agora, para o pessoal, assim como a Míriam Lemle e tal, ou Yonne Leite e tudo isso, que são ... — a Míriam Lemle nem tanto, que ela é europeia na origem e tudo; ela é italiana, né? — mas a Yonne Leite, por exemplo, que veste a camisa desses modismos, desses modismos de protesto lá do Rio de Janeiro, dos estudantes de Antropologia lá do Museu Nacional ... mas, para ela, a Linguística Americana tem um filtro ideológico muito bom que é o Chomsky. E Chomsky é um homem de esquerda, de esquerda nos Estados Unidos, um dos mais famosos do mundo hoje em dia. Então, linguística... não faz sentido, você vê? Não faz sentido. Basta pensar no Chomsky. Chomsky foi contra o governo americano em todas as coisas mais importantes, nas manifestações imperialistas deste governo, nos últimos 20, 30 anos. É um líder político dentro dos Estados Unidos, da oposição; e é um linguista. Então, que história é essa de as pessoas confun-

direm a linguística americana com a política do estado americano? Não faz sentido. Agora, outra coisa que me surpreende é que alguém tenha lhe dado um testemunho assim, porque eu acho que o único único, durante esse período de vigência do convênio com a Ford, que foi de 1967 até 1973, eu creio que o único auxílio dado pela Ford aos estudantes brasileiros que quisessem sair do Brasil foi essa ajuda. E nenhum dos candidatos recusou. Nenhum dos candidatos recusou. Então, se houve outro candidato, aí é que eu estranho... com a Ford.

[E]: Não, não. Nem se candidataram.

[Aryon]: Ah, bom!

[E]: E justificavam, inclusive, o não se candidatar, segundo a entrevistada, pelo orgulho.

[Aryon]: Ah, bom, aí sim.

[E]: Não era do Programa, não era da área, apenas contemporânea.

[Aryon]: É.

[E]: Mas muito interessante.

[Aryon]: Interessante.

[Daniele]: Interessante que o Rossi⁴² diz....

[Aryon]: Ele se beneficiou (enormemente) do Programa, porque realmente o Rossi...

[Daniele]: E não era contra.

[E]: Os discípulos costumam levar o discurso do mestre ao cúmulo da ortodoxia.

[Aryon]: É. Eles vêem um lado só do mestre, vêem só um lado do mestre. Porque o Rossi, por exemplo, o Rossi, que era muito radical nas posições dele e tal, quando chegaram os PILEIs. O PILEI foi muito importante para várias coisas na história o PILEI é outra história né? Mas o PILEI foi financiado pela Ford também, que até aqui, na América Latina, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da Linguística na

América Latina, não só no Brasil, mas no Chile, na Argentina, no México, entendeu? E surgiu, havia uma comissão de linguística interamericana no PILEI e, durante uma das reuniões, um dos membros dela, o presidente da comissão, que era o Lope Blanch,⁴³ que era lá do México, propôs um projeto de estudar “*el habla culta*” da América Latina, quer dizer, a fala culta das capitais dos países latino-americanos, ou das principais capitais latino-americanas, e a gente aprovou esse projeto, como um objetivo importante a ser desenvolvido; iria ser, portanto, estimulado pelo PILEI para poder obter financiamento. Mas a gente contrapropôs, eu era membro do comitê executivo do Programa nesta ocasião, e eu disse: “*Olha, a gente poderia incluir o Brasil também e, em vez de fazer iberoamericano, fazer latino-americano, que, afinal de contas, o Brasil, proporcionalmente, é uma parte muito grande e o Brasil não pode fazer a capital somente; no Brasil tem que pegar vários centros, porque o Brasil equivale ao resto da América do Sul toda.*”

[E]: Isso aparece em vários depoimentos O fato de que o senhor chamava atenção para a diversidade é [por] que essa unidade era meio mítica?

[Aryon]: Justamente. Aí, então, concordou-se e eu fiquei encarregado de indicar algum brasileiro que pudesse assumir no Brasil isso, e eu indiquei o Rossi, que era na época quem mais tinha experiência dialetológica no Brasil. E o Rossi aceitou. Aceitou e essa comissão teve uma reunião em Bogotá para assentar as linhas do projeto e o Rossi compareceu lá, [...] a Ford pagando a passagem e a estada em Bogotá.

42 Nelson Rossi (1927-2014)

43 Juan Miguel Lope Blanch (1927-2002)

E depois, então, o projeto no Brasil ficou por conta dele. Estabeleceu o critério de quais cidades do Brasil iam ser investigadas, e foram escolhidas Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre. Isso já em....no México, foi 1968, a reunião em Bogotá deles deve ter sido no fim de 1968, comecinho de 1969.

[E]: Então, em plena 'Revolução,' em plena [ditadura]

[Aryon]: Ah, mas sem dúvida. O Rossi já era demitido da UnB aqui e tudo, como eu que tinha saído e todo mundo; já em 1965 nós saímos da UnB. E o Rossi estava aqui também, acabou tudo aqui... Já tinha voltado para Salvador. E... agora... onde é que estamos, nos perdemos já, não?

[*Linguística e Filologia*]

[E]: Não, nós estamos nas datas...

[Aryon]: Nas datas, pois é, nas datas...

[E]: 1968.

[Aryon]: Justamente, o que é que houve... houve o do México e houve o do Brasil, Instituto Brasileiro de Linguística, lá em Porto Alegre...

[E]: Em fevereiro.

[Aryon]: Em janeiro e fevereiro, [em] que o Mattoso deu aula e eu dei aula também e mais uma porção de gente deu aula, inclusive trouxemos gente de fora, do exterior também, dos Estados Unidos, para dar aula também. Em Porto Alegre. 1968 tem isso. Agora, em 1967... — o PILEI teve um outro papel na América Latina importante, que foi ele que sustentou a ALFAL, criando uma corrente, que não era bem linguista e não se conformava com o universo de linguística, nem aqui no Brasil, nem na América

Latina toda; a Filologia dominava a América Latina; o espírito filológico, não é? Então, já havia também... lá nos outros países, também achavam que Linguística era um negócio estranho, não é? Não conseguiam entender direito e achavam que língua tem que estudar com a tradição literária toda. E então fundaram uma concorrente do PILEI, a ALFAL [*Asociación de Linguística e Filologia de America Latina*].

[E]: Não sabia. Não sabia que a ALFAL era concorrente do PILEI.

[Aryon]: É. Foi concorrente, mas, ao mesmo tempo, [foi] amparada pelo PILEI, porque já a primeira reunião que fundou a ALFAL, a fundação foi em Viña del Mar, no Chile, em 1964. 1964? Não, 1965. Foi o jeito de fazer, de reunir, de reunir gente de vários países lá, foi o PILEI marcar uma reunião lá também e pagar as passagens para a maioria das pessoas. Então aí que se fundou, não é? Em Viña del Mar, em 1965.

[Daniele]: Em que ano?

[Aryon]: 1965.

[E]: 1965, em Viña del Mar.

[Aryon]: a ALFAL.

[E]: Mas então a oposição institucional aqui já era firme? O grupo dos linguistas/o grupo dos filólogos. Esse segundo embate já era bem mais explícito que os velhos embates de 1938/1940 com Mattoso...

[Aryon]: Nossa! É.

[Daniele]: É que já estava assim, numa espécie de convivência, não é?

[Aryon]: Não, mas uma convivência secreta, porque a ALFAL criou-se porque o pessoal precisava defender a Filologia, então não queriam participar do PILEI.

[Daniele]: Eu me lembro daquele outro

chileno lá, como é que era o nome?

[Aryon]: O Rabanales⁴⁴

[E]: Rabanales? Li *n* artigos dele, extremamente tendenciosos...

[Aryon]: É. Ele...é por isso que foi fundada no Chile, a ALFAL, justamente. O Rabanales, a mulher dele, Lidia Contreras,⁴⁵ não é?

[Daniele]: Eles, eu conheci pessoalmente...

[Aryon]: Sim, nos Simpósios do PILEI, pois é, mas justamente porque foi uma simbiose. O PILEI ficou dando sustentação física à ALFAL, porque a política que nós adotamos foi essa, de apoiar uma organização assim.

[Daniele]: É, então não era um embate; por isso que eu falei. Não era assim um confronto.

[Aryon]: É, mas o objetivo de muitos deles era prestigiar...

[E]: Por parte dos filólogos ou por parte dos linguistas?

[Aryon]: Por parte dos linguistas era apoiar — e você tem então uma válvula de escape para as tensões, não é? Você dá um lugar para eles também. Eles, acho que estavam se autoafirmando em contraposição ao programa de Linguística. E é interessante porque esta sustentação veio até recentemente, até 1980, mais ou menos...

[Daniele]: 1986?

[Aryon]: Não, 1986 não, já não mais; o PILEI parou em 1981, mas até aí ainda estavam conjugados; já a reunião, por exemplo, que a ALFAL teve aqui [i.e., lá] em Campinas já foi quando o PILEI não estava mais funcionando. E agora a ALFAL está por conta própria, está adulta. Vai ter outra reunião,

está programada outra, uma agora para o México. Na ALFAL, agora, é que está a coisa entre Filologia e Linguística, dentro da ALFAL, as tensões.

[E]: Dentro?

[Aryon]: É. O atual presidente da ALFAL puxa para a Filologia...

[E]: O atual presidente da ALFAL?

[Aryon]: É, o Lopes Morales,⁴⁶ que é um cubano, mas que é professor nos Estados Unidos, enquanto o Ataliba,⁴⁷ por exemplo, que organizou a [ALFAL] de Campinas, tentou equilibrar as coisas. Então, essa tensão não terminou. Em vários países da América Latina essa tensão é muito forte. Aqui no Brasil a coisa ficou superada. Superada ao contrário, porque a Filologia, coitada, quase que sumiu do mapa aqui no Brasil. Aqui virou do 8 para o 80, então, ninguém mais ensina Filologia no Brasil. A Filologia, muito pouco. Mas a Filologia tem o seu espaço, tem as suas tarefas; existem coisas filológicas, atividades filológicas realmente e aqui no Brasil eu não vejo...

[E]: É difícil descrever essa mudança...

[Aryon]: Essa virada, né?

[E]: Eu não sei se com adequação ou não, mas a minha paixão por esse período começou quando eu comecei a perceber, digamos, essa tentativa do grupo de linguistas se tornar uma área em relação ao grupo dos filólogos. A Filologia era o poder acadêmico, era o saber autorizado. Então, uma geração bem mais recente já..., ainda dos anos 70, se colocou frontalmente, agressivamente, dos dois lados: o professor Spina,⁴⁸ da Filologia, que, num dos processos da Linguística,

46 Humberto López Morales (n. 1936)

47 Ataliba Teixeira de Castilho (n. 1937)

48 Sigismundo Spina (1921-2012)

44 Ambrósio Rabanales Ortiz (1917-2010)

45 Lidia Contreras Figueroa (1919-1992)

usa como sinônimo de Linguística qualquer coisa como “*essa panacéia gírica que alguns chamam de Linguística*” e, por outro lado, eu acredito que, não sei, não falei com o professor Cidmar ainda, mas eu acredito que ainda era o Cidmar Teodoro Pais⁴⁹ quem respondia, pelo menos, à altura.

[Linguística e Semiótica]

[Aryon]: Mas, fazendo um outro tipo de confusão; Cidmar trouxe uma outra confusão epistemológica, que é entre a Linguística e a Semiótica, que continua sendo a marca registrada dele ainda.

[E]: E por que, ou, onde o professor aponta essa confusão epistemológica?

[Aryon]: Porque são coisas distintas; conforme o conceito que se tem de Semiótica, a Linguística até pode ser uma parte da Semiótica, evidentemente, mas com um objeto muito específico, e então, você pondo em primeiro plano a Semiótica, você não está desenvolvendo a Linguística; e é o que aconteceu na USP; a Linguística procurou se desenvolver, apesar dessas pessoas que se identificam com a reação e tal, no confronto com a Filologia. Mas por que a Linguística acabou não se desenvolvendo realmente na USP até agora, não se firmou ainda? A USP não está produzindo linguista, que pegue língua, que analise língua, que entre na discussão teórica atual da Linguística — não precisa estar descrevendo língua, não. A PUC foi para a frente, a PUC de São Paulo foi para a frente, e a USP ficou para trás em Linguística.

[E]: É interessante, professor, porque eu lia muita Linguística, mas nunca fazia

49 Cidmar Teodoro Pais (1940-2009)

Linguística Demorei 20, quase 20 anos para perceber isso.

[Aryon]: Para mim, essa associação que o Cidmar fez com Semiótica é em parte responsável por isso.

[E]: Nossa, é só eu ver todos os meus colegas, ou todos que foram orientandos dele — e foram muitos.

[Aryon]: Mas é obvio, se tinha fila de orientandos atrás dele! Mas...

[E]: Voltemos ao nosso período.

[De volta a 1968]

[Aryon]: É, para fechar, esse período está se parecendo com um período importante agora - esse de 1968 — porque você, veja, em 1968 houve mais coisas ainda. Lá no México — eu falei do Instituto Linguístico no México [o II Interamericano] — tinha o seguinte: no Instituto do México, várias pessoas, inclusive de São Paulo, foram fazer cursos, foram aprender Linguística lá.

[E] entre elas, a Mary Kato⁵⁰ também esteve no México?

[Aryon]: Não, a Mary não esteve, não; esteve a Leila Bárbara,⁵¹ a Antonieta Celani;⁵² a Celani e a Leila Bárbara — que são importantes porque a consequência já vem em seguida, a Amparo também...

[Daniele]: O Geraldo Cintra?

[Aryon]: Não, o Geraldo não; Geraldo não esteve no México. Esteve a Eunice Pontes,⁵³ de Minas Gerais

[Daniele]: Pontes, a Eunice, no México?

[Aryon]: É, inclusive até nós fomos almo-

50 Mary Kato (n. 1940)

51 Leila Bárbara (1938-2024)

52 Antonieta Alba Celani (1923-2018)

53 Eunice Pontes (n. 1938)

çar com ela num restaurante maia lá. Aquele que deu aquele embaraço, nós comemos em exagero, lembra-se? Não se lembra mais? É que a Quitéria,⁵⁴ num domingo, um de vocês convidou-a para almoçar com a gente, e fomos lá no restaurante em que eu já tinha comido uma outra vez em que eu estava por conta do PILEI, lá no México, que tinha uma comida regional muito boa, e nós chegamos lá e sentamos e aquele dia tudo o quenossa !...

[Daniele]: E era planejado isso também?

[Aryon]: Ou ela foi para alguma coisa mais rápida ou...

[Daniele]: Quem esteve, sabe quem é? A Leonor Scliar Cabral⁵⁵

[Aryon]: A Leonor Cabral também — está em Santa Catarina agora — esteve, e tenho certeza que a Eunice foi.

[Daniele]: Talvez tenha ido de passagem...

[Aryon]: A Scliar, já em 1968.

[E]: Ela vinha do Rio na época?

[Daniele]: Ela estava em Porto Alegre.

[E]: Já estava em Porto Alegre?

[Aryon]: Ela é gaúcha. Ela é gaúcha e acho que foi de Porto Alegre que ela saiu e foi lá fazer o curso.

Bom, então vários brasileiros participaram, mas foi importante a participação da Leila Bárbara e da Celani, pelo seguinte: lá elas estavam interessadas em Linguística Aplicada ao ensino de segunda língua, e elas foram alunas de John Martin.⁵⁶

O John Martin é um canadense que estava como professor nos Estados Unidos; não, ele estava na Colômbia; ele estava dirigindo o Centro Colombo-Americano, em Bogotá, que era um centro binacional. E o John

Martin tinha uma didática formidável e a personalidade muito forte, inteligente que nem sei, e bom conhecedor da Linguística Aplicada, tanto da Gramática Contrastiva, como da Gerativa. Estava tentando, na época, puxar conhecimentos de Gramática Gerativa para a Linguística Aplicada. E, então, elas foram alunas dele lá, e se encantaram com o trabalho dele.

[E]: Algum embate, já nessa época, entre Gerativismo e Estruturalismo, professor?

⁵⁷ Eu estou pensando no depoimento da pró-

⁵⁷ Minha interpretação dos processos que levaram à formação de uma linguística autônoma no país se fundamentava no modelo sociológico ‘de conflito,’ tal como formalizado por Griffith & Mullins, em 1972, e testado por Murray (1993). Este modelo procura explicar a formação de ‘grupos de especialidade’ em determinada comunidade científica, entre outras variáveis, a partir da percepção dos cientistas sobre seus pares e sobre o conhecimento produzido pela sua geração: se bem ‘recebidos’ pelo *establishment*, ou, se ‘rejeitados.’ Donde meu interesse, na época, pelos embates paradigmáticos, fossem teóricos, metodológicos ou institucionais. Longe de explorar intrigas palacianas, o mapeamento resultante de tal técnica permite identificar as comunidades paradigmáticas de um campo de pesquisa e o conjunto de valores por elas compartilhados, o que constitui a base de interpretação de uma historiografia que se quer crítica. Assim, linguistas gerativistas, por exemplo, se perceberam diferentes dos linguistas descritivistas, na medida em que compartilhavam entre si não apenas da mesma concepção do objeto língua, da mesma metodologia introspectiva, e, principalmente, do mesmo objetivo principal, mas também de um ‘mesmo’ conjunto de valores sociais, ideológicos, políticos, que interferiram nos caminhos que percorreram ao longo do tempo. No caso brasileiro em questão, o paradigma gerativista, além dos valores cognitivos, cultivava outros como, ‘verdadeira ciência da linguagem,’ ‘superioridade teórica,’ ‘ciência mais difícil,’ ‘ciência formalizada,’ ‘ciência americana,’ ‘ciência de ponta,’ ‘ciência dura,’ etc.... Metodologicamente, o historiógrafo de uma ciência só capta esses valores, ou os capta melhor, no jogo de oposições que se dá entre os cientistas em determinado contexto. Assim, o fato de um agente histórico se referir à Linguística como ‘*panacéia gírica*’

54 Não consegui identificar.

55 Leonor Scliar Cabral (n. 1929)

56 John Martin [?]

pria Scliar Cabral...

[Aryon]: Não. O embate começou nos Estados Unidos, logo que o Chomsky começou a publicar as suas [ideias] ...

[E]: [inaudível]

[Aryon]: Justamente.

[E]: Já veio pronto. Porque a própria Scliar fala, no depoimento dela — ela devia fazer o Curso no Programa do Museu Nacional, por volta do final dos anos 1960, só pode ser — que o Curso do Mattoso era vazio, e, os termos são dela, ‘*um arrivista, John Martin*’, encantava a plateia com a última moda da Gerativa. Publicado num dos *Cadernos de Linguística*; [no.] 14, aquele que é dedicado à Psicolinguística. Eu cito agora porque ela publicou (Scliar-Cabral 1988).

[Aryon]: *Caderno de?* Da UNICAMP?

[E]: Tem um caderno da UNICAMP, eu acho que é o número 14, que é dedicado só à Psicolinguística, organizado pela Albano, [se não me engano].⁵⁸ O primeiro artigo se chama *Retrospecto*, e é da Scliar Cabral.

[Aryon]: Preciso ver isso, eu não vi, porque depois que eu saí de lá, eu tenho que ir lá e pegar os *Cadernos*, porque se não eles não mandam.

[E]: Eu mando para o senhor, professor, quer?

[Aryon]: Não, essa semana eu vou a Campinas; eu tenho um exame lá agora, na quinta-feira.

permite ao historiógrafo inferir, para além das categorias cognitivas que distinguem o campo da Filologia do campo da Linguística, ainda como exemplo, os valores que organizam e hierarquizam, em determinado lugar e em determinada geração, as especialidades e subespecialidades de um campo do conhecimento.

58 *Cadernos de Estudos Linguísticos* (CEL). UNICAMP, 1978-corrente. Albano, Eleonora [Motta Maia]. CEL no. 14, Psicolinguística. 1988.

[Daniele]: Na época o John Martin

Era uma personalidade assim...

[Aryon]: Que arrebatava os alunos.

[Daniele]: Meio charmoso, meio galã, conquistador, assim.... Ele realmente arrebatava e o Mattoso Câmara tinha uma postura mais formal, mais tímida.

[Aryon]: Mas, engraçado que ela disse que era vazio o [curso do] Mattoso... Mas a que curso dele ela se refere? Porque no Programa do Rio, ele deu dois tipos de curso — e ainda foi muito pouco, porque ele morreu logo e então deu curso de 1968 e 1969 só, porque em 1970 ele morreu já.

[E]: Então é o que eu estou achando mesmo: ou 1968, ou 1969. Ela se refere, se não me engano, a dois ou três alunos, ela fala um número assim; e imediatamente ela diz, “*enquanto isso, o arrivista, John Martin, encantava as platéias com a última moda gerativista*”.

[Aryon]: O arrivista...

[E]: O arrivista. É um termo forte.

[Daniele]: É que o John Martin, quando ele chegou, ele logo encontrou muito inimigo, então, eu imagino, que tenha tido um discurso assim de pichar a própria [faculdade?]

[Aryon]: É, mas pode ser que fosse por outras coisas, posteriores. Ele foi demais problemático, mas foi muito importante também, e é isso que eu quero por aí, mostrando esse período de 1968 e 1969. E seguinte.

[Daniele]: Mas eu acho que.... pode ser uma coisa que ficou... um rótulo.

[Aryon]: De quem estava querendo ser mestre da Linguística no Brasil. Ela chegou a publicar então a *Introdução à Linguística*, tal, tal, tal, o livro dela, não é? (Scliar 1973). Sem ter nenhuma experiência com Linguística. Depois até a Psicolinguística,

ela foi firmando aos poucos, hoje ela está bem na Psicolinguística... certa corrente da Psicolinguística — a Psicolinguística é muito malhada também. Está com o prestígio de relações internacionais, a Leonor, agora, atualmente. E vai fazer um congresso lá em Santa Catarina no começo do ano que vem, trazendo algumas figuras. Mas vários tiveram a pretensão de já quererem logo escrever seus manuais de Linguística e tudo, não é? Aliás, a propósito do parêntese, a Daniele ficou com a impressão de que você poderia estar pensando que fosse o Cidmar; não era o Cidmar não.

[E]: Quem era, Daniele?

(Risos)

[E]: Professor, dá *pause* e me diz quem é. Fica só entre nós.

[... gravação interrompida]

[Aryon]: Entrando no ponto do que aconteceu aí...

[E]: Da Bárbara, da Celani...

[Daniele]: Dizer que o curso do Mattoso era vazio, não sei, talvez seja uma conclusão muito pessoal dela, individual, porque....

[E]: Provavelmente ...

[Daniele]: O Mattoso era um ídolo, era venerado. Pelo pessoal que não era do Rio mais ainda.

[Aryon]: Um curso dele era sobre estrutura do verbo português, que já está publicado; já está publicado várias vezes, em várias versões por ele, e que continua ainda sendo usado em termos de análise morfológica do português; é quase a única coisa que há de análise morfológica do sistema flexional do português.

[E]: Naquela revista *Orbis*, tradicional revista *Orbis*, de Louvain — esse professor que me orientou é o atual editor — de tudo o

que eu me predispunha a mostrar do português do Brasil, ele só se interessava por Mattoso Câmara e Aryon Rodrigues.

[Aryon]: É?

[E]: Para o professor ver a importância do que nós estamos conversando aqui, porque, é claro que ressaltando a importância de várias pessoas, porque elas devem ser ressaltadas ao máximo também; mas é interessante o professor ver a visão dessa que é uma revista tradicionalíssima, quer dizer, num artigo em que ele vai — nem sei para que é, eu vi uma prova ou duas, mas era de outros linguistas latino-americanos — e eles só tinham interesse nesses dois.

[Daniele]: Mas o Martin, o professor Martin não tinha nenhuma indisposição com o Mattoso Câmara; acabou brigando com todo mundo, mas com o Mattoso Câmara não, nenhuma [briga]. Implicava muito e tal, mas...

[Aryon]: Não, o problema do Martin era de outro tipo; era de natureza institucional, mas deixa de fora as coisas que estão aí...

[E]: Bárbara, Celani...

[Aryon]: Pois é, porque você tem Bárbara e Celani: é que em 1968 acabou aquele Instituto lá no México [=o II Interamericano, 1967-1968]; tivemos outro em Porto Alegre, o primeiro do Brasil [=I Instituto Brasileiro de Linguística, 1968] e, em 1968 mesmo, no fim de 1968, nós fizemos, começamos em São Paulo várias coisas, foi o II Instituto Brasileiro de Linguística.

Então, o primeiro foi em Porto Alegre [1968] e o segundo já foi nas férias de verão de 1969, foi o segundo brasileiro, foi na USP justamente [de janeiro a fevereiro de 1969].

E, nesta ocasião, o Mattoso, que tinha

sido eleito presidente da ALFAL, organizou o congresso da ALFAL; então, foi o II Congresso da ALFAL, organizado em São Paulo. Só que não foi na USP, foi na Sedes Sapientiae, na Católica. O Mattoso estava na época com um relacionamento muito positivo com a Madre Olívia,⁵⁹ e, então, ele arranjou para sediar lá o Congresso, e, na USP, sediamos o II Instituto Brasileiro de Linguística, que foi o segundo brasileiro e o terceiro interamericano; o primeiro interamericano foi em Montevideu [1965]; o segundo, no México [1967-1968] e o terceiro, em São Paulo [1969], na USP. O segundo brasileiro e o terceiro interamericano foram em conjunto, foi um programa só, a gente reuniu recursos financeiros dos dois programas; duas verbas da Ford.⁶⁰

[Aryon]: havia duas verbas aí, havia a verba do Programa Interamericano e havia a verba do Programa do Rio de Janeiro, então, o Interamericano foi que deu condições de fazer tudo e, com a do Rio de Janeiro eu convidei mais alguns professores, inclusive o John Martin, que então já estava em Santiago, no Chile, tinha deixado a Colômbia e estava em Santiago do Chile. Santiago, ou Concepción? Concepción.

[E]: A primeira vez que ele veio para o Brasil...

[Aryon]: Que ele veio para o Brasil, para este curso de verão, na USP. E Leila Bárba-

ra e Celani foram alunas dele, e aí também a Mary Kato foi aluna dele. E isso foi decisivo, porque surgiu, na conversa entre elas e Martin, a idéia de criar o programa de pós-graduação em Linguística Aplicada na PUC. Que criaram de imediato e ele foi o coordenador. E ele voltou para o Brasil para ficar na PUC em São Paulo, no Programa da PUC. O Programa da PUC nasceu disso aí, portanto, é consequência indireta do PILEI — por isso que eu digo que o PILEI teve importância institucional no Brasil — e foi o segundo programa de pós-graduação em Linguística no Brasil, depois que acabou Brasília, nesta nova fase: o primeiro foi o do Rio de Janeiro, o segundo foi o de Linguística Aplicada da PUC de São Paulo, que começou já no segundo semestre; começou em agosto de 1969, com o Martin como professor e como coordenador. E então é que as professoras da PUC começaram a fazer doutorado em Linguística, com o próprio Martin, e começaram os atritos do Martin também.

[Aryon]: A Leila Bárbara desenvolveu, parece, uma situação muito tensa de orientação com ele e defendeu a tese “*apesar dele*,” mas foi uma tese de Gramática Gerativa, a tese dela, e foi ele quem introduziu a Gramática Gerativa em São Paulo.

[Daniele]: Engraçado, eu não tinha idéia... ele realmente era da Gerativa, mas ele não era daquele tipo chomskyano radical.

[Aryon]: Não, ele não era MITiano não.

[Daniele]: Ele era diferente.

[E]: Muito voltado, inclusive, para uma gramática pedagógica do Português.

[Aryon]: Justamente. E ele começou, no tempo em que estava no Brasil, a fazer uma descrição do Português, e tem uns arti-

59 Madre Olívia (1913-1994)

60 Em suma, em 1969, concentraram-se em São Paulo os participantes do III Instituto Interamericano de Linguística, que se realizou conjuntamente ao II Instituto Brasileiro de Linguística e do II Congresso da ALFAL. Estava criado o fórum para que se formalizasse uma *Associação Brasileira de Linguística*, a ABL, e, por iniciativa de Ataliba de Castilho, o *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*, o GEL.

gos ótimos dele que ninguém fez melhor até agora sobre o gênero, sobre concordância, há uma análise das formas verbais também — o tempo, a questão do tempo no verbo português, e são uns artigos excelentes, muito bem elaborados.

[E]: E apresentando muito contundentemente o que eu chamo, estou chamando, uma retórica de ruptura com a tradição gramatical muito forte.

[Aryon]: Ah, também.

[E]: Isso marca os primeiros artigos dos linguistas do Brasil, sem dúvida alguma, principalmente, veja se o professor, ou a Daniele, veem uma relação entre o pessoal ligado ao Martin, inclusive depois, depois do Rio...

[Aryon]: A trajetória é assim: ele foi para a PUC de São Paulo, depois entrou em choque com a administração da Universidade, aí ele saiu e foi para a PUC do Rio de Janeiro, que estava tratando de desenvolver a Linguística também — eram ele e a Amélia Lacombe,⁶¹ que estavam coordenando o Programa lá.

[E]: E o Heye?⁶²

[Aryon]: O Heye é diferente, fui eu que trouxe também para o Rio de Janeiro, dos Estados Unidos, estava em Washington; é alemão, mas estava em Washington.

Mas o Martin foi para a PUC do Rio de Janeiro, deu um semestre de aula lá, e brigou com a administração também. Ele não estava brigando com os professores, estava brigando com a administração sempre. É aquele negócio dele: várias vezes eu depois disse para ele “*Olha, não pode — mais tarde um pouco — fazer isso que você está fazendo,*

você tem que reconhecer que está em um outro meio cultural, você não está nos Estados Unidos, nem no Canadá. Não pode impor exigências à administração. Você fez um contrato, tem que ficar dentro disso aí e não pode querer conseguir mais coisas, forçar mais coisas. E certas coisas você não pode dizer na frente das pessoas. As pessoas se ofendem, mesmo que seja verdade, elas se ofendem com a verdade.” É uma situação social que a gente contorna.

[E]: A gente tem as estratégias que um americano de personalidade forte não tem.

[Daniele]: Mas ele não é americano, é canadense.

[Aryon]: É canadense, filho de irlandeses. Quando o negócio da PUC estourou, eu peguei ele para o Programa do Museu Nacional, conversei lá na Ford, o pessoal lá na Ford me advertiu, porque estava sabendo que ele era um camarada que criava dificuldade, mas eu disse “*Não, mas eu vou pegar ele por um semestre aqui.*” E pegamos por um semestre somente; existia uma verba para um professor por um semestre, que podia dedicar a ele; então peguei por um semestre. Não ia ficar ele criando coisas porque o diretor do Programa era eu e não tinha contato com as autoridades das universidades não. O Programa todo dependia da Ford. Assim mesmo, ele tentou. Na Ford, ele começou a preparar as coisas para ele tomar conta do Programa, tentar induzir lá certos funcionários da Ford de que o Programa seria melhor orientado em outra direção, da Linguística Aplicada, e o Programa do Museu não era [esse], era um programa de Linguística-linguística. Mas não chegou a frutificar isso; deu um pouco de dor de cabeça para ‘aparar’ as coisas lá com Mister Isto, com Mister Aquilo

61 Amélia Lacombe [?]

62 Jürgen Walter Bernd Heye (1939 – 2011)

lá... Mas o Mr. [Sharp] principalmente, que era o que acompanhava o Programa, [garantiu] o prosseguimento da coisa, lá dentro, o que funciona do Programa.

[E]: Os depoimentos todos que eu tenho [são] unânimes: o aval da Ford era o senhor. O senhor que era o grande avalista da Ford, quer dizer, todo esse Programa se sustentou na sua pessoa.

[Aryon]: Eu era o mentor do Programa.

[E]: Pois é, o senhor tinha esse título, mas parece que a Ford confiava era no seu trabalho...

[Aryon]: Ah, sim, mas porque a Ford faz isso mesmo. Eles trabalham em cima de pessoas. É o sistema americano, quer dizer, as pessoas são responsáveis, quando estava o Daniel Everett⁶³ aqui, que agora é chefe do Departamento de Linguística, lá na Universidade de Pittsburg, nos Estados Unidos, ele estava dizendo que, como chefe de departamento, ele tem toda a responsabilidade: se aplica dinheiro aqui, se aplica ali, é o chefe de departamento que decide até certo nível de investimento; ele não consulta os professores, não tem essa nossa coisa de fazer reunião de colegiado, nada disso. O chefe, enquanto tem o mandato dele, ele é a pessoa de confiança; então é essa questão do sistema saxão de delegar competência, que aqui não temos e que é difícil de estabelecer aqui.

Mas o fato é que então ficou um semestre conosco o Martin, e aí acabou, acabou.

[Unicamp]

Mas quando ele estava conosco, houve a primeira crise do Programa de pós-graduação da UNICAMP — é uma outra história esse programa da UNICAMP, é um programa que foi criado por um francês, o Yves Gentilhomme,⁶⁴ lá de Besançon, que o

diretor do Instituto de Ciências Humanas na época, lá da UNICAMP, conheceu em Besançon; mas o diretor de ciências humanas era de Filosofia, não de Linguística, e achou que o camarada era um grande linguista, e o homem não era linguista, o homem era um técnico em computação. Ele dirigia um Programa de Linguística Aplicada que estava contribuindo para um grande projeto de computação linguística na França, que era o *Présence de la Langue Française*, que tinha Nancy fazendo uma parte e Besançon fazendo outra parte, para fazer o grande *Trésor de la Langue Française*, que era um *dépouillage* de toda a literatura francesa desde a Idade Média até o presente. Isso não é linguística. Fizeram, ou estão fazendo ainda, já tem várias coisas publicadas.

E o Gentilhomme era um homem da área da computação, na verdade, estava fazendo computação de dados de linguísticos, mas não conhece linguística. E lá em Besançon eles tinham um *Centre de Linguistique Appliquée*, tem até hoje, onde se ensina línguas; então, esse professor que dirigia o Instituto em Campinas pegou essa ideia: fazer um centro de linguística aplicada em Campinas e trazer o Gentilhomme para montar a pós-graduação em Linguística em Campinas, e o Gentilhomme aceitou. Aceitou, e aí eles fizeram uma seleção em 1971, em julho de 71, anunciaram, fizeram um *affiche* à maneira francesa, e veio gente de todo o interior de São Paulo para concorrer para a pós-gradu-

63 Daniel Everett (n. 1951)

64 Yves Gentilhomme (1920-2016)

ação em Linguística e selecionaram vinte e tantos candidatos. Começaram com tudo.

[E]: De onde vinha esse dinheiro, professor?

[Aryon]: Em parte da FAPESP, em parte da própria UNICAMP. A UNICAMP estava no começo...

[E]: Eles tinham dinheiro quando ninguém tinha?

[Aryon]: Pois é, tinham dinheiro quando ninguém tinha, o que despertou um despeito enorme dos que se consideram donos da USP, que são os Mesquita, do Estadão, que passaram a combater a UNICAMP. O Estadão passou a fazer editorial em cima de editorial contra a UNICAMP.

[E]: Nos anos 1970?

[Aryon]: Nos anos 1960, ainda, e até os anos 1970 também. Mas essa é outra história. A história das universidades de São Paulo é interessante.

A UNICAMP foi a segunda universidade de São Paulo. E a terceira, depois vem a terceira, a UNESP, que é a reunião das faculdades do interior numa universidade. Agora, como é que a UNESP conseguiu se firmar como uma universidade? Adotando o nome Júlio de Mesquita Filho, era Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Foi o preço que pagou para não ter oposição do grupo do Estadão.

Mas nós estávamos em John Martin; então, na UNICAMP, esse Gentilhomme indicou mais alguns professores da França para virem dar cursos; ele mesmo iria dar curso de quadros formais lógico-matemáticos, para começar o mestrado em Linguística, e então contratou a professora de Fonologia lá de Besançon, Mme. [incompreensível],⁶⁵

para dar o curso de Fonética e Fonologia; uma outra, Mme. Duval, para dar o curso de Gramática, de Introdução à Linguística. Então, esses três viriam no verão Francês, o curso aqui seria dado no verão francês por eles, e depois os alunos ficariam estudando o resto do tempo, até pegarem, depois, em março, alguém que pudesse vir de lá. Vieram, deram as aulas deles lá e, quando foi março, não tinha francês lá de férias para vir, em março de 1972. E então veio uma aluna do Gentilhomme, e veio ele também para dar [aulas]. Aí caiu o nível, porque já era uma aluna, não eram professores para dar pós-graduação aqui.

Eu não cheguei a conhecer essa aluna, não sei como é que ela era, devia ser muito capaz. O Gentilhomme também não [conheci], mas ele estava lá nos documentos, tanta coisa que [será preciso] analisar depois disso. Agora, acontece que em 1972, nessa segunda vinda ao Brasil, o Gentilhomme namorou uma senhora da cidade, que frequentava a *Aliance Française*, onde ele era figurão, professor visitante da Universidade...

[E]: Eu soube dessa história na França. Do tiro, ele levou um tiro.

[Aryon]: Não, não levou tiro não. Mas o marido esfaqueou a mulher, matou a mulher. Era o promotor público de Campinas, o marido, e foi a júri depois. E o Gentilhomme pegou o primeiro avião, para não levar tiro justamente. Pegou o primeiro avião, voltou para a França e nunca mais.

[E]: É interessante, porque isso marcou a primeira vez que eu fui para a Europa profissionalmente; estávamos uma argentina, eu, o professor [Herman] Parret, justamen-

65 Provavelmente trata-se de Mme. Konap-

chensky. V. também Vogt 2011.

te o professor que acabou me levando para lá [Katholieke Universit  t Leuven], e apresentando meu orientador [Pierre Swiggers], acabamos ficando amigos [...]

[Aryon]: O pessoal foi imprudente que nem sei, porque, em agosto de 1971, eles admitiram uma vintena de alunos mais ou menos, e fizeram nova sele  o em fevereiro de 1972. Fizeram uma segunda turma já. Então, o programa estava com quase quarenta alunos. Um negócio louco. Completamente louco. E aí, sem professor. Mas, paralelamente, a a  o tinha sido [dupla]: além de trazer os franceses, mandar[am] alunos brasileiros fazerem mestrado na França. Então a universidade conseguiu [professores].

[E]: A Universidade pediu [inaudível]

[Aryon]: Não, não, antes disso. Foi uma saída coordenada, desde o início. Enquanto o Gentilhomme montava o programa, discutia a cria  o do programa, mandaram brasileiros estudarem na França, fazerem mestrado l  . Fazer a *ma  trise*.

[E]:    aí que o Franchi⁶⁶ vai para Aix-en-Provence?

[Aryon]: Justamente. Então escolheram meia dúzia de ex-alunos, quase todos do Ant  nio Cândido,⁶⁷ que o Ant  nio Cândido era amigo do Zeferino Vaz,⁶⁸ que era reitor e criador da UNICAMP, era muito amigo do Ant  nio Cândido. Admiravam-se mutuamente. Então, a pessoa de confiança para o Zeferino, aí em São Paulo, na área de Letras, era o Ant  nio Cândido.

[E]: Aí que o Ant  nio Cândido vai parar na UNICAMP, dessa amizade com o Zeferino?

66 Carlos Franchi (1932-2001)
67 Ant  nio Cândido (1918-2017)
68 Zeferino Vaz (1908-1981)

[Aryon]: Justamente. E não só com o Zeferino, mas, depois, viria o Carlos Franchi e companhia. Então, o Ant  nio Cândido, que não era de Linguística, nem entendia nada de Linguística,    excelente teórico da Literatura, mas de Linguística, não. Mas ele t  mbem entendia tanto quanto a maior parte do pessoal aqui no Brasil. Era Letras, tudo. Então, pegou alguns dos [seus] mais brilhantes alunos de Letras, dos alunos dele l  . Então, ele escolheu o Carlos Franchi, Carlos Vogt, Rodolfo Ilari,⁶⁹ Akira Osakabe.⁷⁰ Mais Luís Orlandi.

[E]: O Franchi, o Akira, o Orlandi...

[Aryon]: Orlandi que foi marido da Eni, primeiro marido da Eni [Orlandi].

[E]: Então    da   que essa turma vem. Franchi, Vogt, Ilari, Osakabe, Orlandi...

[Aryon]: É. O outro não era indicado pelo Cândido. O outro era de Matemática, um rapaz de sobrenome Linhares.⁷¹

[E]: Esses eram da USP

[Aryon]: Todos eram alunos da USP, do Ant  nio Cândido. L   de Literatura. Então esses cinco, mais um da Matemática — porque precisavam de alguém da Matemática t  mbem. Então escolheram alguém da Matemática, que foi independente do Cândido, e mandaram os seis, com seis bolsas da FAPESP para fazer *ma  trise* em B  san  on. O entusiasmo pelo Gentilhomme era tão grande, que todos foram com a permissão de fazerem a *ma  trise* em Besançon e voltar. Não podiam fazer outra coisa. Isso eles me

69 Rodolfo Ilari (n. 1943)
70 Akira Osakabe (1939-2008)
71 Para nomes de outros pesquisadores que participaram do projeto de cria  o do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (IFCH), v., por exemplo, Vogt 2011.

disseram no começo lá. As instruções eram muito estritas: ir, fazer a *maîtrise* e voltar, [era] para serem eficientes, e voltarem, e logo, para ter gente brasileira aqui para assumir o programa. Só que, chegando lá em Besançon, os mais inteligentes perceberam que Besançon não era um lugar para aprender Linguística; lá é mais ensino de línguas, linguística voltada para o ensino de línguas. Então, um desses foi o Franchi. Verificou a situação na França e resolveu ir para Aix-en-Provence. E não contou nada para ninguém daqui do Brasil, mas assumiu a coisa e fez a *maîtrise* em Aix-en-Provence e trouxe o diploma de Aix-en-Provence. O Carlos Vogt, que é inteligente, mas é mais político O Franchi tem tradição política, participava do Partido e tudo. E o Vogt não; o Vogt foi sempre mais diplomata. Então, o Vogt manteve a matrícula em Besançon e passou a pegar o trem toda semana e ir para Paris, para a *École Pratique de Hautes Études*, onde passou a seguir os cursos do Ducrot.⁷² E estabeleceu uma relação positiva com o Ducrot, de amizade e tudo e, quando saiu, também não seguindo as instruções, ele já deixou a inscrição feita para o *troisième cycle*, na *École Pratique de Hautes Études*, com a direção do Ducrot, mas fechou a *maîtrise* em Besançon e trouxe o diploma de Besançon, como o Akira Osakabe, o Ilari, e o Orlandi também trouxeram.

[E]: Então são todos velhos companheiros.

[Aryon]: Velhos companheiros. Essa é uma turminha. Começou a divergir recentemente, [tanto] que agora estão separados, um tanto. O Vogt, sobretudo, em relação aos outros. Sobretudo ao Franchi, à frente, a polarização entre o Vogt e o Franchi, mas o Akira mudou de área (há muito tempo) e

o Ilari está com um e está com outro. Mas isso é já da política deles lá. Que tem consequências, evidentemente, para o desenvolvimento da UNICAMP, no programa lá, mas paciência. Todos chegaram, justamente, no meio de 1971. Não, entre a metade de 1971 e o fim de 1971, uns chegaram antes, outros chegaram depois. Então, em 1972, eles já estavam aí, quando o Gentilhomme veio e teve o problema que teve. Aí eles tiveram que assumir o programa, mas aí, deu-se o problema, porque já havia o requisito na época de que para assumir a pós-graduação, tinha de ser doutor e nenhum deles era. Eles foram fazer a *maîtrise* somente. Então, não tinham nem o *troisième cycle*. O que fizeram? Eles contataram o pessoal do único programa de pós-graduação que havia em São Paulo, que era o da PUC, e a Leila Bárbara, o John Smith,⁷³ que então já tinha se incorporado à PUC, e a Mary Kato deram um curso de sintaxe na UNICAMP no segundo semestre de 1972, a seis mãos, para esta turma. Então eles se dividiram, uma semana vinha um, outra semana vinha outro e despejavam as aulas lá. O sistema de despejar aulas é o sistema da USP, infelizmente. Porque a USP tinha esse sistema de dar aulas só num dia da semana.

[E]: Ainda tem.

[Aryon]: Ainda tem. É um troço terrível.

[E]: e não há gabinete para a gente estudar

[Aryon]: Os alunos podem morar em Ribeirão Preto e serem alunos regulares da USP.

[E]: Eu conheci gente do Rio Grande do Sul, de Belo Horizonte, alunos regulares da pós. Numa situação até muito iníqua para a gente, eu dava doze aulas no departamento,

72 Oswald Ducrot (1930-2024)

73 John Smith [?]

fazendo pós, e colegas do Rio Grande do Sul, das Federais, tinham bolsa, ganhavam o dobro que eu e davam duas aulas em uma semana. Iam e voltavam de avião semanalmente e faziam pós do meu lado. E eu não acho ruim para elas; eu achava ruim para mim.

[Aryon]: Agora o problema foi um programa, que poderia ter sido um programa muito caprichado, porque recursos a USP sempre teve, foi desperdiçado.

[Daniele]: Mas isso que vocês estão falando, agora, está em toda a parte

[Aryon]: Não. A disciplina; mas lá, não, o curso todo, na sexta-feira. Então o aluno pode ir de avião, assiste à aula e vai embora para a sua cidade. Isso foi a USP que implantou, o Cidmar que criou isso novamente na Linguística e, depois, ele começou a multiplicar isso. Em Goiânia, ele estabeleceu uma pós-graduação assim também, de um dia por semana, e ele pegava avião, que a Universidade pagava o avião toda semana para ele, e ia. Um dia só de contato lá com os alunos não rendia nada, porque não se forma pessoal assim. Mas assim mesmo ele fazia e, depois de Goiânia, ele voava para Araçatuba e dava aula em Araçatuba, e depois ia para Ribeirão Preto e depois voltava para São Paulo. O [semestre] inteiro assim, de despejar aulas e voltar. Era pós-graduação de um homem só, em várias instituições. Ficou uma brincadeira a formação linguística; isso foi uma das distorções que houve. Mas nem tudo; por exemplo, o programa da PUC Rio de Janeiro. O da PUC é um programa que funcionou firme. Agora, esse de Campinas começou nesse estilo; ia depender das férias francesas. Um negócio doido: como é que se vai criar um programa dependendo

disso. Mas então, nesse segundo semestre de 1972 tiveram aula assim e o Vogt conseguiu que o Ducrot viesse e o Ducrot veio. Então ficou a Leila Bárbara, Smith, Mary dando um curso e o Ducrot dando dois cursos, que eram um de Semântica e outro de Lógica.

[E]: No espaço da UNICAMP.

[Aryon]: No espaço da UNICAMP, no curso da UNICAMP.

[E]: Então era um curso PUC-UNICAMP, Ducrot...

[Aryon]: Não, o Ducrot pela UNICAMP. E da PUC eles vinham dar aqui [lá em Campinas]. Não era o curso da PUC não; mas eram professores da PUC que ficavam vindo, se revezando, inclusive numa disciplina só, dando a Sintaxe. E o Ducrot veio e deu a Lógica e deu a Semântica, a Semântica argumentativa que ele estava desenvolvendo. Então, com isso, manteve esse segundo semestre. Mas não tinha mais como sustentar o curso depois, para adiante. Aí, então, o Carlos Franchi me telefonou para o Rio de Janeiro, não me conhecia, alguém deu a indicação, que estavam precisando e se eu sabia de alguém que pudesse vir para a UNICAMP como professor. Eu disse: “*Olha, tem um que justamente vai ficar livre agora; está aqui comigo, que é o MARTIN, vai terminar o contrato e nós não temos com recursos para continuar mantendo ele aqui.*”. “*Agora, mas ele é bom mesmo e tal?*” Eu disse “*Ele conhece bem Linguística Aplicada, conhece bem, bom em gramática gerativa; agora, é melhor você conversar com ele. Eu te dou o telefone dele, telefone para ele e combina.*”

[Aryon]: Aí se entenderam. Aí o Franchi marcou com ele, o Franchi viajou ao Rio de Janeiro e foi lá no apartamento dele,

conversaram e tal e acertaram que o Martin vinha para cá [iria para lá, Campinas]. E o Martin foi. Só que o Martin chegou e a turma esfriou com o Martin antes dele começar a trabalhar. Eu não sei que tipo de coisa que houve, eu acho que em parte foi culpa do pessoal de Campinas mesmo, que ficaram com medo de que ele tomasse conta do Programa, mediram o discurso dele e trataram de o congelar. Resultado: o Martin ficou um semestre ganhando de Campinas sem dar uma aula. Não programaram nada para ele. Então, foi um negócio assim escandaloso. Só que o escândalo não estourou. Depois de um semestre, o negócio foi para nível de reitoria, a discussão toda, tal, e rompeu-se o contrato, e o Martin foi convidado pela PUC de Campinas, e aí ele fundou o Programa de Mestrado da PUCAMP, que não tinha, né, e criou o Programa ali e dirigiu bem a coisa, conseguiu trazer professores de fora, trouxe uma húngara Costad..., Mariane Costad... [incompreensível], que agora é professora na Califórnia, em San Diego e uma boa linguista, improvisou professores assim.

[E]: E formou muita gente?

[Aryon]: Formou, formou muita gente.

[E]: Seis ou sete artigos da RBL, aparecem [como] comunicações do Martin, pela PUC.

[Aryon]: Justamente, lá da PUC, do Martin; porque ali ele ficou mais estável, ali na PUC de Campinas, ele ficou mais estável.

[Daniele]: E o discípulo dele lá foi o Tom.⁷⁴

[Aryon]: O Tom, justamente. O Tom entrou de fato em Linguística, porque era só português tradicional o que tinha antes. Mas, enfim, o Martin também forçou a barra para abrir caminho ali — e ele estava com a

faca e o queijo na mão, ele podia fazer o que bem entendia, academicamente, e a PUC topava, e estava tudo tranquilo. Ele tinha um prestígio com a PUC enorme. Dentro da PUC de Campinas. Que é isso o que conta, né? Mas, ele começou a forçar demais contra o diretor do Instituto de Letras, que foi uma das figuras tradicionais de Campinas, professor Sampaio,⁷⁵ membro da Academia Campineira de Letras e, por isso, um dos orgulhos da sociedade local, (não dá, né?)... aí, claro, o Reitor teve que apoiar o Sampaio numa disputa entre os dois e, aí, ele saiu da PUCAMP também. Aí, ele consegue convite em Curitiba, e foi para a Federal do Paraná. E aí já conseguiu inimizades; mas foram no ato as “afinidades”! Em Curitiba, ele estava em condições ideais lá: tinha um gabinete bom de trabalho, um bom apartamento para a mulher e os filhos e tudo. Eu disse: “*Olha, cultive isso aí, rapaz*”. Estava gostando da cidade. “*Curitiba é uma cidade boa para morar, né?*” Mas não deu, passou um ano e ele criou problema lá também e saiu. Aí ele foi para os Estados Unidos e eu fui encontrá-lo de novo, lá no Arizona, como professor da Universidade do Arizona, nos Estados Unidos. Fiquei hospedado na casa dele. Nós tínhamos uma conferência no Departamento de Linguística lá e, para minha surpresa, quem foi me esperar no aeroporto foi o Martin. Ele sabia que eu ia lá, ele estava no Departamento de Língua Espanhola e Português. Nós nos demos bem sempre, eu nunca tive atrito com ele.

[Daniele]: Apesar de ele tentar tomar conta do Programa.

[Aryon]: Pois é, mas eu sempre...

74 Antonio Suarez Abreu (n. 1940)

75 Francisco Ribeiro Sampaio (1909-1988)

[E]: Eu tenho impressão, agora também claro, mas eu tenho a impressão de que na época era impossível brigar com o senhor, quer dizer, há unanimidade sobre o respeito intelectual que o senhor tinha aqui e lá. Era Mattoso Câmara e Aryon Rodrigues.

[Daniele]: Também, não tinha mais ninguém

[Aryon]: Nesse tempo não tinha.

[Daniele]: Tinha o Francisco Gomes de Matos. Eram três.

[E]: Mas ele vem depois...

[Aryon]: Depois. É. A gente puxou o Gomes de Matos, ele fez o doutorado.

[Daniele]: Mas ele participou...

[Aryon]: Participou, participou. Como eu disse, a gente puxou ele pelo PILEI logo, e isso deu ocasião para ele, depois, entrar em contato com o Yázigi e ter essa atividade como uma atividade particular; mas foi muito importante: elaborar materiais didáticos, tanto para o ensino de inglês, quanto para o ensino de português como segunda língua, para o ensino de francês, e tudo, vamos dizer, muito criativo; então ele levou isso muito adiante...

[E]: Eu comecei na vida acadêmica dando aula no Yázigi. Comecei numa escolinha para crianças. A gente trabalhava, trabalhava com franquias.

[Aryon]: Não, a primeira escola, uma das primeiras instituições do Brasil a usar o sistema de franquias, no Brasil.

[E]: Eu comecei no Yázigi e com esse método.

[Aryon]: Justamente. O Gomes de Matos tornou-se uma pessoa importante, mas, de fato, com doutorado em Linguística. Ele ia assimir pós-graduação aqui com a gente. Não

tinha gente para se começar. Não tinha jeito. Tinha que trazer gente de fora. Então, lá no Rio de Janeiro, a gente trouxe o Brian⁷⁶ também, que era um professor da Universidade do Texas, em Austin, que esteve conosco...

[E]: Isso na época do Museu Nacional?

[Aryon]: Na época do Museu Nacional, para começar o Programa do Museu Nacional [1968]. O Brian Head, que depois acabou ficando no Brasil; depois migrou conosco para a UNICAMP. Quando o Programa migrou para a UNICAMP [1973], ele foi junto.

[E]: Por isso então que ele tem publicação com o Martin. Quando eu comecei a montar, quando eu ainda estava tentando montar o sociograma desse pessoal todo, logo desisti, porque a gente não tem informação sistematizada disso, a partir disso aqui é possível agora. Mas então, é por isso; eles têm até coprodução? co-orientação? e o senhor é a ponte.

[Aryon]: Foram colegas do mesmo departamento, lá no Rio de Janeiro, no Programa do Museu Nacional. Naquela época, lá no Rio, o Brian ainda se dedicava à Fonologia, essencialmente. Ele dava uns cursos de Fonética e Fonologia lá. Porque o Martin veio para a Gramática Gerativa e depois da UNICAMP, o Brian...

[E]: O professor Brian Head também tem uma personalidade difícil, não tem?

[Aryon]: Não, não assim, não. Ele é complicado; não é que ele é difícil naquele sentido que acaba com as pessoas, não. Ele não cria caso com ninguém. Mas ele é complicado; ele apronta umas complicações para ele mesmo. Ele se mete em complicações. E fica lamentando. Na UNICAMP

76 Brian Head [n. 1933-]

prevaleceu, contra ele, com base nisso, prevaleceu um espírito anti-estrangeiro e antiamericano. Embora ele não seja tipicamente americano, não. Ele é muito assimilado, até demais, em muitas coisas.

[Aryon]: A Lucy Seki,⁷⁷ ela fez um daqueles programas da década de 1960, né, voltou em 1973 com o doutorado feito. Aí não conseguiu [voltar] para Minas Gerais, que ela era mineira, e o marido dela voltou para Belo Horizonte, só que aí ela não conseguiu emprego, porque tinha vindo da União Soviética. ‘Subversiva,’ né? Foi [humilhada] [incompreensível] por lá e tudo, por Belo Horizonte, e aí então ficou se batendo, [a]onde é que vai tal, tal, e aí, depois, ela foi para UNICAMP.

[Daniele]: Não foi fácil, né, mas...

[Aryon]: Não foi fácil, mas como tínhamos o Vaz como reitor ainda, ele tinha essa virtude, porque ele era aberto para as coisas.

[E]: Uma virtude e até coragem...

[Aryon]: Ah, sim, isso ele tinha muita. Tinha muita, né, é. Então contratamos a Lucy Seki, então, desde 1975, né, ela voltou da USP em 1973, em 1975 ele a contratou. De lá pra cá ela está na Unicamp.

[E]: Inclusive essa tese que o Sr. vai... é...

[E]: É de uma orientanda dela se não me engano...

[Aryon]: É, de uma orientanda dela, é, a Mitzila,⁷⁸ uma orientanda dela, sobre o Yawalapiti, é, hum-hum... Então, a gente está com muita atividade aqui nesta área, sabe, muita. Só que é um tipo de Linguística em que predomina o enfoque descritivo, não é? Há alguns trabalhos que não são descritivos,

⁷⁷ Lucy Seki (1939-2017). V. também Cruz & Coelho 2018.

⁷⁸ Mitzila Izabel Ortega Mujica [?]

não é? Ou que mesmo sendo descritivo, é por exemplo, ...

[E]: O seu próprio, né?

[Aryon]: O meu próprio, sim, né. É porque, engraçado que o pessoal fala que eu sou estruturalista, eu faço Linguística Histórica e ninguém se lembra de que eu faço Linguística Histórica, porque eu faço com línguas indígenas. Então agora na USP, lá, na USP não, na ABRALIN, foi mandado todo um programa nos dois primeiros dias, eu não estive lá por acaso, né, porque...

[Aryon]: Sobre o renascimento da Linguística Histórica no Brasil. Mas nós temos feito Linguística Histórica com línguas indígenas continuamente. Esse renascimento tem relação ao português. Não às línguas indígenas, né. Os trabalhos publicados, aquele trabalho que eu fiz com o Swadesh, na década de 1950, já foi de Linguística Histórica. E a gente tem feito isto, né? Mas o pessoal não sabe dessas coisas. Tem esse negócio de Linguística Indígena, nós temos esse problema de comunicação ainda, não é? Inclusive porque a gente publica mais no exterior do que no país. E em revistas especializadas das áreas de Línguas Indígena, né, ou livros, né, sobre (...). Aliás, ultimamente, eu tenho mais capítulos em livros do que artigos de revista. Mas o pessoal não vê isto, né. A gente mesmo está fazendo a propaganda da área, né?

[E]: É uma espécie de, é aquele xenofobismo às avessas...

[Aryon]: Não, nem é isto. Nem é isto, não. É simplesmente porque, quem é que pega, quem é que pega, por exemplo, esse volume que eu tenho. Quem é dos nossos colegas que vai pegar um volume desse? Só

quem se interessa por línguas indígenas, então ficaria num grupinho mesmo a informação, não é? Porque está na biblioteca da Unicamp. Eu recebi dois exemplares da editora e mandei à biblioteca da Unicamp, então está lá o outro, né? Mas só que línguas indígenas, quem vai em cima, certo? E assim outros, que tenho capítulo lá. Nesse eu tenho dois capítulos nesse, né?⁷⁹.

[E]: É verdade. Acaba ficando restrito a quem tem interesse...

[Aryon]: Pelo assunto, tirando esse artigo pelo qual [você] se interessou, que é um artigo de interesse mais geral, não é..

[Daniele]: A impressão que eu tenho é que é meio rebarbativo para quem não conhece a área. Ah, você pega e não se entende nada, apesar de que a tradução, tudo aquilo ...

[Aryon]: Ou mesmo esse aqui, né. Só quem está por dentro é que se interessa.

[E]: Agora é muito interessante, entre parêntesis, didaticamente, isso exerce uma atração incrível. Nos meus cursos de Introdução eu me aventurei até a dar Linguística Descritiva, como optativa um semestre, dei foi muito mal, espero que meus alunos se esqueçam logo, mas enfim, era a atração que eu também sentia pelo assunto.

[Daniele]: Era tão melhor colocar [exemplos] no curso de Metodologia do Português ... porque é, são coisas que podem atrair os alunos.

[Daniele]: Então, olha, é bom a gente

começar, porque eu acho que agora a tarefa do pessoal de Linguística seria escrever coisas assim meio uma ponte, mais acessível para os outros, né?

[E]: Pra gente poder pelo menos usar...é, eu acho que sim.

[Aryon]: Não, é, esse é um problema (...) de comunicação agora com as outras áreas.

[o resto da fita está apagado]

[*Línguas indígenas na USP*]

[E]: Maria de Lurdes de Paula Martins⁸⁰...

[Aryon]: Maria de Lurdes de Paula Martins era a que tinha mais vocação, ela tinha vocação filológica, na realidade, não é? Não tanto em Linguística, mas mais filológica. Mas pro tipo de trabalho que ela fez, ela fez [um] trabalho de acordo com este tipo de vocação, que é um trabalho importante, que foi analisar aqueles escritos do Anchieta, as peças de teatro do Anchieta, sobretudo, e também os dicionários, ela fez análise crítica de vários dicionários de Tupi antigo, comparando para ver se um é cópia do outro, em que medida, não é, tal e ela fez um bom trabalho, não é? Mas talvez justamente porque ela era mais ... a que desenvolveu mais logo, logo ela estava sabendo mais que o próprio Ayrosa.⁸¹ O Ayrosa não tinha, né, eu não sei se ela tinha se formado em Letras, talvez ela tenha se formado em Letras mas não sei, e ela de repente estava na frente do Ayrosa, publicando mais coisas que ele e tal e coisa, e de maneira muito mais crítica, e o fato é que eles acabaram se desentendendo. E ele dispensou a assistente, a melhor assistente que

79 *Evidence for Tupi-Carib Relationships e The Present State of the Study of Brazilian Indian Languages*, ambos in: *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. by Harriet E. Manelis Klein and Louisa Rowell Stark. The University of Texas Press, 1985.

80 Maria de Lurdes de Paula Martins [?]

81 Plínio Ayrosa (1895-1961)

ele tinha, ele dispensou. Aí quem a pescou foi o Herbert Baldus,⁸² que era antropólogo e que na época dirigia o Museu Paulista. Ele então convidou a Maria de Lurdes de Paula Martins, reconheceu a qualidade dela para dirigir o Setor de Linguística do Museu Paulista. Ele primeiro me ofereceu a direção desse Setor de Linguística, ele me escreveu uma carta dizendo que ele ia criar o setor linguístico e gostaria de me convidar para dirigir o Setor de Linguística do Museu Paulista. E eu estava saindo para a Europa, justamente, eu não aceitei. Aí ele convidou a Paula Martins porque foi possível ela sair justamente do Ayrosa, né. E ela continuou, ela ficou trabalhando no Museu Paulista e produziu bastante no Setor Linguístico do Museu Paulista. Editou as poesias completas do Anchieta, fazendo a tradução para o português, e publicou um dicionário, um manuscrito de dicionário da língua Boto-cudo, não é, também, e outros trabalhos. Mas, depois que o marido dela morreu, ela parece que teve um desgosto, afastou-se de tudo. Aposentou-se logo do Museu e não quis mais saber de nada, não apareceu mais, sumiu. Retirou-se completamente da vida acadêmica.

O Ayrosa pegou o Philipson⁸³ como assistente. O Philipson não era de Geografia e História, ele era de Letras. E foi procurar, foi um dos poucos da área de Letras que foi procurar assistir às aulas de Tupi, [riso] as aulas de Tupi. E aí acabou estabelecendo relações com o Plínio Ayrosa e o Plínio Ayrosa o convidou para assistente e ele trabalhou, foi muito produtivo, logo começou a escrever e publicar e tal, nos boletins da Faculdade lá e logo a gente viu, a gente que não conhecia

pessoalmente nenhum na época, eu disse pro professor Ayrosa uma vez, puxa é esse, esse [autor.....]. Era o Philipson. Tinha cabeça de linguista. E, pouco depois, o Philipson arranhou uma bolsa, foi para os Estados Unidos, passou um ano lá em Indiana, que na época era uma das melhores universidades para trabalhar em Linguística Indígena. O Vogt passou por lá. E não foi fazer nem mestrado nem doutorado, passou um ano lá, um estágio lá.

[Daniele]: Ainda não tinha [Linguística Indígena] ...

[Aryon]: e voltou. Não, nos Estados Unidos tinha.

[Daniele]: Não, mas aqui...

[Aryon]: Aqui não, aqui não tinha não, não é, e voltou para lá. Agora depois tem que o Ayrosa dispensou o Philipson, e o Silveira Bueno,⁸⁴ que era o catedrático de Filologia Portuguesa, puxou o Philipson pra trabalhar com ele lá. E foi o Silveira Bueno que me contou que ele puxou o Philipson, porque ele achou absurdo ter dispensado o Philipson, porque o Philipson estava numa época de crise psicológica. Aí, então, ele voltou a trabalhar com o Plínio Ayrosa até a morte do Ayrosa, né, o Ayrosa morreu em 1961. Quer dizer, ficou 25 anos como catedrático de Toponímia de Língua Tupi-Guarani. Dava aula desde 1935. E [assim] o ensino se resumiu em cima de línguas indígenas durante esse tempo todo. Houve uma outra assistente, Maria de Lurdes Joyce, que mostrou um interesse mais aberto. O Ayrosa tinha conseguido obter, via consulado, via Conselho Britânico, as cópias dos manuscritos sobre línguas indígenas da América do Sul, que eram línguas Tupi-Guarani, mas que estavam no Museu

82 Herbert Baldus (1899-1970)

83 Jörn Jakob Philipson (1920-2015)

84 Francisco da Silveira Bueno (1898-1989)

Britânico. E entre esses havia um manuscrito, um catecismo em língua dos Manaos, do século XVIII, uma língua Arawak. Pois a Joyce editou esse manuscrito, trabalhou em cima desse manuscrito, pôs em ordem e tudo e publicou.⁸⁵ Uma pessoa de interesse mais aberto, não é, eu a conheci rapidamente em São Paulo naquele tempo, numa das muitas visitas que fiz ao departamento deles lá, uma 'cadeia', como se dizia, em vez de falar 'cadeira' [=cátedra]. Mas, ela depois desapareceu, acho que ela casou e se afastou, né, deixou a faculdade e nunca mais eu ouvi falar dela.

Outro assistente demitido foi o Erasmo de Almeida Magalhães,⁸⁶ que acabou de se aposentar agora eu acho, né?

[E]: Esse ano.

[Aryon]: Este ano, né? E o Erasmo também era de Geografia e História, então tem também o problema de não ter estudado linguística. Mas ele procurou aprender linguística, diferentemente do Drumond,⁸⁷ por exemplo, que se acomodou, estava contente com aquele estilo do Ayrosa, ficou reproduzindo o mesmo que o Ayrosa fazia, pelo jeito, né. Teve uns interesses, escreveu um trabalho sobre Toponímia Bororo, quer dizer, ele começou a mexer mais com Toponímia propriamente que o Ayrosa, isso sim, né, então fez um trabalho sobre Toponímia Bororo e saiu do ramo Tupi-Guarani. Mas a 'cadeia' era do Tupi-Guarani.

Bom, quando o Ayrosa morreu, então, estavam Drumond, Philipson e Erasmo como

85 Maria de Lurdes Joyce. Caderno da doutrina pella lingua dos Manaos: manuscrito do séc. XVIII. *Boletim da Universidade de São Paulo*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 136. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1951, 81pp.

86 Erasmo de Almeida Magalhães [n. 1933]

87 Carlos Drumond [?-?]

assistentes. Assim que o Ayrosa morreu, Egon Shaden,⁸⁸ que era o professor de Antropologia, propôs à Congregação da Faculdade dividir a cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, mostrando que era uma cadeira incongruente, porque a Etnografia era uma coisa e Linguística era outra, não é, e que a Etnografia não pôde se desenvolver na USP todos aqueles anos porque estava nessa cadeira. E que quem estava fazendo Etnografia realmente eram os antropólogos no departamento de Antropologia, não é. [E que havia um] conflito [de programas], por que a quem cabia dar as aulas de Etnografia? Tem o Shaden, [incompreensível], importante, não é, mas não podia dar as aulas porque quem dava as aulas era o Ayrosa, que não sabia nada disto. Aí ele propôs a correção. A Congregação aprovou, então, ele propôs uma coisa interessante: propôs [que a] Etnografia Brasileira fosse incorporada à cadeira de Antropologia, mas que, em vez de Língua Tupi-Guarani, se criasse uma cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, argumentando que Tupi-Guarani era só uma faceta da coisa, que as Línguas Indígenas são muito mais e que a USP devia se dedicar às línguas indígenas em geral. Esta foi a proposta do Shaden e que foi aprovada. Então criou-se a cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, em 1962. Aí ficaram os três assistentes lá responsáveis por isto.

[E]: Mas, talvez, exceto o Philipson,...interesse por língua mesmo...

[Aryon]: Exceto o Philipson, os outros dois não tinham jeito para isto, né. E aí começaram os conflitos. O Philipson entre os outros dois. E começaram os conflitos usando recursos internos de cortar isso pro Philipson, cortar aquilo tal, né. O Philipson era mais antigo que o Erasmo, então, ele devia

88 Egon Shaden (1913-1991)

ser o segundo assistente da cadeira que começou, para poder reger o segundo turno e poder ganhar a gratificação correspondente.

[E]: O salário do Drumond era famoso por essa gratificação.

[Aryon]: E aí ajeitaram que o Philipson fosse escanteado e promoveram rapidamente o doutorado do Erasmo e o Philipson [...] ficou sobrando. Depois o Philipson fez doutorado também e eu fui da banca. E o Antonio Cândido assistiu ao exame, e tinha muita polêmica [sobre] a situação do Philipson, muita gente tinha [rejeição?]. O Philipson, assim, [era] de expressão difícil, né, e extremamente tímido, como ele tinha de falar em público — em aula eu não sei como é que é — mas, em público, em conversa, por exemplo, ele falava para dentro. Ninguém entendia o que ele falava, difícil de acompanhar que nem sei. Então, ele escrevia muito bem, mas na hora de ler o que ele escreveu...

[E]: Triste.

[Aryon]: E, então, o que a gente [fazia] com ele? Só quem conhecia o trabalho dele é que valorizava. Mas, no fim, defendeu a tese de doutorado e foi doutor também. Mas aí já era tarde, os lugares já estavam ocupados. Aí veio a reforma em 1968, que não só acabou com a cátedra, mas acabou com muita coisa também. E a USP não soube se defender, né? A USP estava entregue, a cúpula da USP estava entregue ao regime, né, com justamente o reitor, que passou a ser o ideólogo do regime, né. Então o [...], isso aí não pode falar.

[E]: O jurista?

[Aryon]: O jurista é, o Miguel Reale, o pai. Então, o Miguel Reale, que era o reitor, era igual aos ideólogos da Revolução, foi Ministro da Justiça, autor dos Atos Institu-

cionais e tudo, é claro que ele não se opôs à reforma, que foi uma reforma do governo autoritário. Então, a USP se acomodou à reforma simplesmente, obedientemente. E, na reforma, engoliram as Línguas Indígenas. Aí veio a proposta do Cândido, do departamento. E o Erasmo ... não tiveram condições de defender, não é, a independência do trabalho com línguas indígenas. Então, uma coisa que foi criada, com uma potencialidade formidável, sumiu em seguida.

[E]: Eu sempre tive uma curiosidade...

[Aryon]: Sumiu em seguida, sumiu em seguida na reforma. Agora...

[E]: Então, como programa organizado de descrição dessas línguas, finalmente, agora é que surgiu um projeto ...

[*Teses em Línguas Indígenas*]

[Aryon]: O que levou à situação atual, que permitiu fazer esse programa que eu falei de pesquisa científica é que aí, a partir desse de 1979 na Unicamp, a gente resolveu começar a admitir alunos comprometidos com línguas indígenas. Não estimei nenhum até 1979. Aí, em 1979, comecei a estimular.

[E]: Deixa eu confirmar uma coisa que eu me lembrei. Na primeira versão do meu texto, eu coloco justamente que não se conseguiu formar em lugar nenhum, por esse período, pesquisadores nessa linha. Aí, exceto a Daniele, ao menos no espaço dos periódicos ...

[Aryon]: Não. Mas tem que investigar as teses que saíram. As teses na Unicamp tinham [línguas indígenas]; já teve o de Brasília, Brasília já colocou uma, lembra que, em Brasília, umas das três que tinha mestrado

em Brasília foi sobre língua indígena, sobre o Kiriri⁸⁹ Depois, no Museu Nacional. No Museu Nacional a Charlotte Emmerich fez o mestrado dela com uma tese sobre filologia da língua Txikão.⁹⁰ A Ruth Monserrat,⁹¹ que é muito ativa atualmente, ela não fechou o mestrado, porque o mestrado dela na URSS não foi reconhecido. Ela tinha feito o mestrado na URSS sobre o método heurístico de descrição linguística aplicado ao Guarani-Paraguaio. E aí, quando eu a convidei para ir para o Rio de Janeiro, com problema lá, para fazer o mestrado, já que não era reconhecido o dela e não havia muita esperança que o governo revolucionário fosse reconhecer um diploma russo, né, então ela se matriculou no curso, mudou de residência para lá, mudou a vida deles completamente. Hoje o marido dela é o redator da *Ciência Hoje*, o diretor da *Ciência Hoje*, né, lá no Rio de Janeiro, a *Ciência Hoje* nasceu no Rio de Janeiro, a revista da SBPC, de divulgação científica de alto nível, né? E se fixaram no Rio e tiveram sucesso lá. Mas a Ruth então foi trabalhar comigo, há uma equipe lá, ela publicou dois trabalhos sobre a língua Myky. Os dois no boletim do Museu Nacional.

E tivemos uma outra que foi minha aluna lá, e acabou a tese de mestrado lá, que foi

a Ruth Wallace,⁹² outra Ruth, a Ruth Wallace sobre a língua Kaxuyâna, da família Karib, está publicada também, assim como está publicada a tese de mestrado da Charlotte Emmerich, sobre a língua Txikão. Depois, quem mais? Bom, a Yonne Leite foi em parte, ela já estava no Museu antes, mas ela entrou no curso de mestrado também, quando teve a oportunidade de fazer, né. Mas, antes dela acabar o mestrado, ela, então, foi fazer o doutorado no Texas, mas, durante o mestrado, ela estava analisando a língua Tapirapé, foi para campo colher dado, nunca tinha ido antes. Aí, em função dessa estada da gente no Museu Nacional, ela estimulou-se e foi para campo colher dado da língua Tapirapé, da Ilha do Bananal, e ficou trabalhando durante muito tempo, publicou já vários artigos sobre a língua Tapirapé.⁹³ Então, toda essa gente.

[E]: Essa produção, então, não se vê nos periódicos, mas ela foi publicada nos boletins...

[Aryon]: Porque os periódicos, eles têm dois problemas: Um, eles não eram muito voltados para as coisas indígenas, não é, ah, no começo, né; e segundo, por causa dos problemas gráficos. Imprimir coisa em transcrição de outra língua é extremamente complicado, tinha essa dificuldade. De começo, tentou-se superar essa dificuldade. Criaram-se os *Cadernos de Estudos Linguísticos*, eu propus que os *Cadernos* fossem datilografados em *off-set* depois, que a gente então podia usar tipos fonéticos e tal, mas aí o departamento optou por fazer tipograficamente. Aí, ficou rígido. Quando faz a coisa, saem clichêzinhos etc. e tal para desenhar os tipos e

89 Azevedo, Gilda Maria Corrêa de. *Língua Kiriri: Descrição do dialeto Kipeá*. Dissertação de Mestrado, não publicada, 1965. Orientação: Aryon Dall'Igna Rodrigues.

90 Charlotte Emerich (1938-2020). *A fonologia segmental da língua Txikão*. Mestrado em Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972. Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues;

91 Ruth Maria Fononi Montserat. *Um método heurístico de descrição linguística*. Mestrado em Ciências Filológicas - Universidade Patrice Lumumba - Moscou, 1967.

92 Ruth Wallace de Garcia Paula. *Notas fonológicas da língua kaxuyâna*. Belém, Museu Goeldi, 1970.

93 V. também Franchetto e Vieira 2013.

tudo, fica uma coisa mais difícil, não fica uma coisa ágil de fazer. Então, é esse o problema todo, mas as coisas estão nas teses, sobretudo. Agora, várias das teses saíram publicadas já pela editora da Unicamp. Então a tese da Daniele está publicada;⁹⁴ a tese Marymárcia Guedes, sobre o Mbyá,⁹⁵ está publicada; a tese da Cheryl J. S. Jensen, sobre o Wayampi,⁹⁶ está publicada; a tese do Daniel Everett⁹⁷ sobre o Pirahã está publicada, foi a última que saiu publicada, foi a do Daniel; da Cristina H. R. Gonçalves sobre o Mundurukú está publicada.⁹⁸ Nós tivemos produção. E, na Unicamp, justamente, aí nós começamos a admitir alunos e começaram a sair. Então começaram a sair, do doutorado saiu a Adair Palácio, sobre o Guató⁹⁹; a da Marita Porto Cavalcanti, sobre o Kaingáng.¹⁰⁰

[E]: Que está em Goiânia, pois aí é que eu acho que tem agora que amarrar esse pessoal.

[ARYON]: E saiu de mestrado, saiu a Marymárcia Guedes sobre o Mbyá; Cristina Gonçalves sobre o Kaingáng; van der

Meer sobre o Suruí, (Meer 1982),¹⁰¹ lá de Rondônia, Daniel Everett sobre, a de mestrado, sobre a fonologia do Pirahã

[E]: O Everett não era missionário do Summer, não?

[ARYON]: Ele é ainda. Ele é, só que ele não está trabalhando como missionário, porque ele é professor da Universidade da Pensilvânia, de Pittsburg, na Pensilvânia. É chefe de departamento inclusive lá, agora, mas ele é ligado ao Summer ainda, tem compromissos com o Summer e o doutorado ele fez com a Charlotte Galves,¹⁰² na Unicamp, também sobre língua Pirahã, também, sintaxe, né, do Pirahã. Fez fonologia comigo e sintaxe com ela. Fonologia no mestrado e Sintaxe no doutorado. A Helen Weit, fez com o Frank Brandon, que era um professor americano do Texas, que nós tivemos alguns anos na Unicamp, fez a tese dela sobre a língua Nadeb, que é uma língua lá do alto do Rio Negro. O Márcio Silva¹⁰³ fez sobre o Kamayurá, com a Bernadete Abaurre; o Péricles ...

[Daniele]: O Júnior [Nilson Gabas] ...

[E]: O Júnior inclusive está no Goeldi, ele está no Museu do Pará

[ARYON]: Esse Péricles fez sobre língua Guajajara, do Maranhão,¹⁰⁴ este Júnior, Nilson Gabas Júnior¹⁰⁵ fez comigo sobre língua

94 Daniele Marcelle Grannier Rodrigues. *Fonologia do guaraní antigo*. Campinas: Unicamp, 1974.

95 Marymarcia Guedes. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Série Línguas indígenas. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. [Tese de 1986/1987]

96 J. S. Jensen. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1984. Or. Aryon Rodrigues.**

97 Daniel Leonard Everett. *Aspectos da Fonologia do Pirahã*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1979. Or. Aryon Rodrigues.**

98 Cristina Helena Rohwedder Gonçalves. *Concordância em Munduruku*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1981. Or. Aryon Rodrigues.**

99 Adair Pimentel [Palácio]. *Guató: a língua dos índios canoeiros do Rio Paraguai*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1984. Or. Aryon Rodrigues.**

100 Marita Porto Cavalcanti. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Doutorado em Linguística, UNICAMP, 1987. **Or. Aryon Rodrigues.**

101 Tine H. van der Meer. *Fonologia da língua Suruí*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1982.**

102 Daniel Leonard Everett. *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectiva e teoria*. Doutorado em Linguística, UNICAMP, 1983. Or. Charlotte Galves.

103 Márcio Silva. *A Fonologia Segmental do Kamayurá*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1981. Or. Maria Bernadette A. Gnerre.**

104 Péricles Cunha. *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá*. **Mestrado em Linguística, UNICAMP, 1987. Or. Aryon Rodrigues**

105 Nilson Gaba Júnior. *Estudo fonológico da*

Karo, que é uma língua lá de Rondônia, e depois foi trabalhar no Museu Goeldi e agora está saindo pro doutorado em Santa Bárbara, Califórnia, agora em setembro ele vai. Há uma quantidade aí, tem, tem mais, né, tem mais, há uma quantidade. Isso que a Daniele está querendo dizer. Se você olha do lado, pro pessoal que trabalha com Língua Portuguesa, seja diretamente sobre o Português, seja usando um enfoque teórico particular, como a Gramática Gerativa, mas aplicando em cima do Português, é uma coisa. Se você olha o lado das Línguas Indígenas é outra coisa, as pessoas não olham. A gente olha os dois lados, tem que estar em contato com tudo, seja como coordenador de programa, seja isso, seja aquilo, tal, né, como professor de departamento. Mas o pessoal, mesmo nos próprios departamentos não vê quase essa parte, né, não tomam conhecimento muito disto. E agora nós estamos fazendo cursos específicos, não é, também, fazendo cursos intensivos para formar mais pessoal, atrair mais pessoal para a coisa. Um dos programas de mestrado, a coisa está aumentando. Eu tenho um relatório, por exemplo, que eu enviei o ano passado para o CNPq sobre o mestrado do programa de Línguas Indígenas, o aumento foi enorme nestes últimos três anos, né?

[ARYON]: (...) nós estamos agora com um núcleo de trabalho com línguas indígenas em Belém do Pará, no Museu Goeldi. Está se formando um outro paralelamente lá, na Universidade Federal do Pará, com outra gente. Temos um na Universidade Federal de Goiás, temos um na Universidade Federal de Pernam-

buco, né, outro agora, mais novo, na Federal de Santa Catarina, né. Até 1987, só o da Unicamp. Era o único no país, formando pessoal.

[E]: Mudou muito.

[ARYON]: Porque havia gente, havia um outro centro de pesquisa além da Unicamp, que era o Museu Nacional. Mas que não forma pessoal porque foi proibido há muito tempo de dar aula de Linguística, né? Então, lá no Museu Nacional, é possível a um estudante estagiar lá. Mas não pode estudar e o pessoal não dá cursos, então. É, dão a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa. A Yonne, a Charlotte, a Marília [Facó Soares], que estão lá, né? Mas são pesquisadores só. E na Faculdade de Letras, agora, está começando. Agora, a Ruth Montserrat que passou vários anos de licença, não é, enquanto o marido estava em Brasília, aqui, agora ela voltou para a Faculdade de Letras, está dando aula de novo. E, também na Faculdade de Letras, a Bruna Franchetto, que fez concurso lá, está como professora de Linguística também, e que trabalha com línguas indígenas também. Agora elas tão começando a orientar alunos de mestrado com línguas indígenas. Inda agora, estou com um processo aí da FAPERJ, Associação de Amparo à pesquisa, a FAPESP do Rio de Janeiro, não é? (...) Os últimos comentários é que o Brizola tirou todo o dinheiro da FAPERJ [Risos]. Mas, assim mesmo, ela está funcionando, porque agora recebi um processo para dar o parecer. É um processo que já dei o parecer inicial, favorável à concessão de uma bolsa de mestrado, e agora estou dando um parecer sobre o relatório da aluna, né, então está funcionando ainda a coisa lá. E, então, no Rio de Janeiro, agora está começando a

aparecer, formar gente também, está começando. Não saiu nenhuma tese ainda, mas já começaram, tem alunos já com projetos e quase todos os projetos são de gente que vai para campo, vai para o mato. Pegar dados no mato, não é ficar fazendo reelaboração de dados já existentes. De ontem, né?

[E]: A USP está com um projeto de campo, primeira vez que eu tive notícia...

[ARYON]: Pois é, justamente. Mas a USP anda se envolvendo

[E]: nas indígenas...

[ARYON]: Em função de quê? Em parte, em parte da revolução que vocês fizeram lá; em parte porque deu uma abertura para o pessoal pensar aí; em parte porque o Waldemar [Ferreira Neto] foi fazer um curso intensivo de Linguística em Goiânia.

[E]: Ah, foi em Goiânia?

[ARYON]: É, ele fez o de Goiânia. Aí, então, ele se animou e fizemos o seguinte na USP, foi em janeiro e fevereiro agora, fizemos um curso intensivo de linguística indígena, o terceiro. O primeiro foi em Belém do Pará, o segundo em Goiânia e o terceiro foi na USP, este ano. E o Erasmo foi o responsável, assumiu a responsabilidade formal e tal.

[ARYON]: Pois é, justamente, então, agora, o pessoal do Amazonas está querendo fazer um lá. O problema é se o CNPq vai ter dinheiro para ajudar dessa vez. Então, agora, esse pessoal, hein? ... o curso três, Belém, Goiânia e São Paulo.

[E]: E não teve um aqui em Brasília também?

[ARYON]: Ah, sim, tem razão. Teve o de Brasília que foi o primeiro porque foi um pouco *avant* [risos] (...) na ideia do programa já, que a gente estava discutindo o programa e aí a Stella Maris aqui resolveu fazer logo um, porque Brasília também está se de-

envolvendo como centro também.

[E]: Teimosamente o Sr. voltou...

[ARYON]: Não, mas mesmo antes disso. Mesmo antes de eu voltar já a Stella Maris Bortoni, que estava como chefe do Departamento de Linguística, e que entrou também nas conversas sobre formação do programa de Línguas Indígenas, ela logo resolveu fazer um curso aqui. Pegar a ideia e fazer um curso aqui. Então, o primeiro foi aqui, em 1987. E teve produção, porque alguns dos que fizeram o curso entraram em seguida em programas de mestrado e já acabaram, já defenderam tese, já com línguas próprias, né, a Luciana Dourado¹⁰⁶ aqui, que foi a primeira que defendeu tese comigo aqui. Ela foi desse curso que foi organizado um pouquinho antes. Quando eu cheguei aqui, eu cheguei no segundo semestre de 1988, já encontrei o pessoal motivado, né.

[DANIELE]: E agora...

[ARYON]: Agora ela fez concurso de professora e entrou para o quadro docente. E então está se multiplicando, quer dizer, até 1987 nós tínhamos um centro apenas de formação de pessoal que era a Unicamp. Agora, nós temos Unicamp, Federal de Santa Catarina, Federal do Rio de Janeiro, Federal de Goiás, Federal de Pernambuco, Federal do Pará e Museu Goeldi. O Museu Goeldi é de pesquisa, não é de formação. Forma na pesquisa, mas não pode dar título, curso, né

[DANIELE]: E a UNB

[ARYON]: E a UNB. São 7, mais o Museu Goeldi. E agora [está] começando a amadurecer a situação lá em Manaus. Vários alunos de Manaus fizeram já os cursos inten-

106 Luciana Dourado. Mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília, 1990.

sivos e estão com vontade de levar os cursos intensivos para lá mesmo também, né, e já organizaram um programa de assistência, Linguística Educacional, para um grupo indígena de lá, pros Akuari, [?], né?

[DANIELE]: Agora tem isso também

[ARYON]: Então [inaudível]. Se bem que ele tem tentado manejar isso, porque a educação [indígena], que não desvie as coisas, né. É, mas de fato está se criando, então, um desenvolvimento...

[E]: Me parece até uma espécie de argumento para conseguir dinheiro para pesquisas, né, colocar a necessidade...

[ARYON]: Também. A aplicação prática. Pra que serve? A gente tem essa pergunta pragmática aí, né. Bom, serve para a área científica, mas também serve para dar apoio às comunidades indígenas, ou às autoridades governamentais, que têm a responsabilidade junto às comunidades indígenas, etc. É um argumento bom, é, sem dúvida. ... Mas tudo isso que tá saindo é Linguística Descritiva, quase tudo Linguística Descritiva, dessas teses todas, não é, que são mais de uma dúzia de teses, né, que já saíram aí neste período, no 'seu período' [risos].

Referências

Altman, Cristina. **Unificação e diversificação na Linguística. Pesquisa documental sobre Linguística Brasileira.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo/ Katholieke Universit  t Leuven, 1993. [Publicado em 1ª ed., Lincom Europa. Munique, 1995: 2ª, São Paulo: Humanitas, 1998, como *A pesquisa linguística no Brasil*, 3ª ed. 2004.]

Altman, Cristina. Aryon Rodrigues por Aryon Rodrigues. **Boletim V do Centro de Documenta  o em Historiografia Linguística.** São Paulo: CEDOCH/ DL-USP, 2000.

Altman, Cristina. coord. **Em Primeira Pessoa do Singular e outras cr  nicas. O feminino em Historiografia Linguística.** São Paulo: CEDOCH/ DL-USP, 2020.

Altman, Cristina e Coelho, Olga. Por ocasião dos 40 anos da ABRALIN. In: **ABRALIN: 40 anos em cena**, org. por Dermeval da Hora, Eliane Ferraz Alves e Lucienne C. Espíndola. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 261-283

Cruz, Aline da; Coelho, Olga. Lucy Seki (1939-2017) em primeira pessoa do singular. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas.** Campinas/SP, v. 18, n. 2, p. 414–428, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8652695>

Dell Hymes. Morris Swadesh, **Word**, no. 26, vol. 1, 1970. p. 119-138. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1970.11435588>

Franchetto, Bruna e Vieira, C  ssio Leite. A linguista de paixão infinda. **Revista Ciência Hoje**, 50: 300, 2013, p. 62-68.

Grannier, Daniele M. A cria  o do espaço institucional da linguística e dos estudos das línguas indígenas no Brasil. **D.E.L.T.A.** 30, especial, 2014, p. 479-502.

Naro, Anthony Julius. Translator’s Preface. **The Portuguese Language.** [Trad. de A. J. Naro do orig. português, s/d]. Chicago: The University of Chicago Press: VII-XIII, 1972a.

Naro, Anthony J. & John Reighard. Bibliografia analítica de Joaquim Mattoso C  ma-

ra [Trad.do orig. inglês: Analytical bibliography of J.M. Câmara Jr., publicada como apêndice à obra **The Portuguese Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1972b]. In Naro (org.): 1976, p.115-147.

Naro, Anthony Julius, org. **Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil**. [Trad. de Maria Candida Diaz Bordenave e Marilda Winkler Averbud dos originais em inglês, 1968]. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1976.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. Tarefas da Linguística no Brasil. **Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada**. 1. Vol.1, 1966, p. 4-15, 1966.

Rodrigues, Aryon. 40 anos de Linguística, cursos universitários e línguas indígenas no Brasil: Vivências e memórias pessoais. In: **ABRALIN: 40 anos em cena**, org. por Dermeval da Hora, Eliane Ferraz Alves e Lucienne C. Espíndola. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 17-34

Sá Nunes, José de. **Gramática e Antologia**. Porto Alegre: Globo, 1936-1937.

Scliar-Cabral, Leonor. **Introdução à Linguística**. Porto Alegre: Globo, 1973.

Scliar-Cabral, Leonor. Retrospecto. **CEL** no. 14, 1988, p. 1-11.

Uchôa, Carlos Eduardo Falcão, sel. **Dispersos** nº1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972

Vogt, Carlos. Memorial da Fapesp. *Com Ciência* no. 129. Campinas, 2011. [Publicado originalmente in: Hamburger, Amélia Império (Org. e ed.). **Fapesp 40 anos abrindo fronteiras**. São Paulo: Edusp, 2004. p. 29-40.] Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000500001&lng=es&nrm=iso